

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

CLAUDINEA VIANA COSTA

**RECOMEÇAR: RESSIGNIFICANDO SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS APÓS A  
SEPARAÇÃO CONJUGAL**

VITÓRIA  
2015

CLAUDINEA VIANA COSTA

**RECOMEÇAR: RESSIGNIFICANDO SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS APÓS A  
SEPARAÇÃO CONJUGAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,  
como requisito obrigatório para obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Mestra Vânia Maria Congro Teles

VITÓRIA  
2015

CLAUDINEA VIANA COSTA

**RECOMEÇAR: RESSIGNIFICANDO SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS APÓS A  
SEPARAÇÃO CONJUGAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,  
como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, por:

\_\_\_\_\_  
Prof. Mestra Vânia Maria Congro Teles - Orientador

\_\_\_\_\_  
Prof. Mestra Daniella Messa e Melo Cruz, FCSES

\_\_\_\_\_  
Prof. Mestra Andrea Loss, faculdade Miltivix/Vitória

Dedico o presente estudo a minha mãe Julia Viana (in memória) que me ensinou a valorizar os estudos, pois essa é a única herança que ninguém pode nos tirar.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos são primeiramente a Deus, pois sem ele nada é possível. E ele com certeza me deu forças para completar essa jornada. Pois por muitas vezes foi em seus braços que eu deixei todo meu cansaço, e recarreguei minhas forças para recomeçar. Obrigada Senhor por sempre estar comigo.

A minha amada família que tão gentilmente, soube compreender que muitas vezes a maioria do tempo era dedicado as leituras e trabalhos acadêmicos. Obrigada meus amores por acreditarem em mim, e me apoiar a todo instante. E quando me sentia muito cansada me incentivavam a não desistir. Obrigado por me fazer rir, e descontraír, a alegria de vocês me deu ânimo para prosseguir. Amo vocês.

A minha orientadora Vânia Teles que pacientemente, caminhou comigo ao longo deste trabalho, dividindo comigo seu tempo e seu conhecimento.

A todos os professores, que contribuíram para minha formação, e fizeram com me apaixonasse cada vez mais pela psicologia.

A todos vocês que de alguma forma passaram pelo meu caminho.

Meu muito obrigado

### **Soneto de Fidelidade**

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinicius de Moraes, 1960, pág. 96)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como tema, a ressignificação da vida afetiva, sentimentos e expectativas, após a separação conjugal, como uma necessidade que possibilita o recomeçar. A família tem sido alvo de estudos e reflexões, e tem passado por mudanças ao longo do tempo. A separação pode ser vivenciada como um processo doloroso, onde se rompem sonhos, projetos e laços afetivos. Desta forma, estudar mais sobre o assunto, ajuda a produzir novos conhecimentos e práticas profissionais que auxiliem o cliente a passar por esse momento da vida de forma mais ajustada e com melhor qualidade de aprendizado para a vida. Esta pesquisa teve como objetivos, traçar quais sentimentos e expectativas foram mais presentes, antes de se casar, em relação ao casamento; traçar quais sentimentos e expectativas foram mais presentes, na experiência de separação, em relação ao casamento; definir traços de diferenças em relação aos sentimentos e expectativas nesses dois momentos da vida do sujeito; descrever quais foram as dificuldades provenientes dos sentimentos e expectativas encontradas pelo sujeito ao recomeçar sua vida sem o cônjuge. Para atingir tais objetivos realizou-se um estudo qualitativo de caráter descritivo. Os sujeitos deste estudo foram 05 adultos que passaram pelo processo de separação conjugal. Os sujeitos foram informados sobre o tema da pesquisa, objetivos, metodologia e a técnica para coleta de dados. Ficando esclarecido e não havendo dúvidas quanto ao objetivo da pesquisa e a participação, esses sujeitos assinaram o Termo de Livre Consentimento Esclarecido, no qual consta o compromisso de sigilo de identidades dos sujeitos, conforme resolução 196/96. Foi aplicada entrevista semi-estruturada, que foi transcrita, e os dados foram tratados com apoio do método fenomenológico a luz da abordagem existencial- humanista. Foi possível observar mediante os resultados obtidos, que o casamento tem grande importância para pessoas, é que sua valorização é tão grande que não conseguem conceber que suas expectativas a respeito do mesmo não sejam satisfeitas, levando seu desfecho a separação. Os sentimento e expectativas em relação ao casamento foram repensados o que ajudou neste recomeço. Os entrevistados demonstraram crescimento diante da situação, buscando cada um a seu modo vencer as dificuldades e recomeçar.

**Palavras-chave:** Sentimentos. Expectativas. Separação. Recomeço.

## ABSTRACT

This research had as its theme, the redefinition of the emotional life, feelings and expectations, after divorce, as a necessity that enables again. The family has been the subject of study and reflection, and has undergone changes over time. The separation can be experienced as a painful process, which are broken dreams, projects and bonding. Thus, to study more about it, helps produce new knowledge and professional practices that help the client to go through this time of more adjusted way of living and a better quality of learning for life. This research aimed to, draw what feelings and expectations were more present, before marrying in relation to marriage; trace which feelings and expectations were more present in the experience of separation, as to marriage; defining traits different from those feelings and expectations in these two moments of the life of the subject; describe what were the difficulties from the feelings and expectations found by the subject to start her life without a spouse. To achieve these objectives we carried out a qualitative study of descriptive character. The subjects were 05 adults who underwent a marital separation process. The subjects were informed about the research theme, objectives, methodology and technology for data collection. Getting clear and there is no doubt about the purpose of the research and participation, these individuals signed the Free Informed Consent, which includes the commitment to secrecy identities of the subjects, according to Resolution 196/96. It was applied semi-structured interview that was transcribed, and the data were treated with support of the phenomenological method the light of humanistic approach existential-. It was possible by observing the results, that marriage is very important for people is that their value is so great that they can not conceive that their expectations with respect thereto are not met, taking its outcome separation. Feelings and expectations about marriage were rethought what helped this new beginning. Respondents showed growth on the situation, each seeking their own ways overcome difficulties and start over.

**Keywords:** Feelings. Expectations. Separation. Start.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Expectativas antes de se casar em relação ao casamento.....	52
Quadro 02 – Vivência da frustração da expectativa sobre o casamento.....	59
Quadro 03 – Sentimentos após a separação.....	67
Quadro 04 – A dor da perda amorosa.....	73
Quadro 05 – O recomeçar: sentimentos e expectativas ressignificados.....	79

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	23
2.1	FAMÍLIA, CASAMENTO E DIVÓRCIO .....	23
2.2	ABORDAGEM EXISTENCIAL .....	30
2.3	SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS RELACIONADAS AO CASAMENTO ..	38
2.4	A DOR DA PERDA AMOROSA .....	42
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	45
3.1	TIPO DE PESQUISA .....	45
3.2	CAMPO DE ESTUDO.....	46
3.3	PARTICIPANTES .....	46
3.4	PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS.....	46
3.5	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	47
3.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	48
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	49
4.1	IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES .....	51
4.2	UNIDADE TEMÁTICA 1: EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO CASAMENTO ANTES DE SE CASAR .....	52
4.3	UNIDADE TEMÁTICA 2: VIVÊNCIA DA FRUSTRAÇÃO DA EXPECTATIVA SOBRE O CASAMENTO .....	59
4.4	UNIDADE TEMÁTICA 3: SENTIMENTOS APÓS A SEPARAÇÃO .....	67
4.5	UNIDADE TEMÁTICA 4: A DOR DA PERDA AMOROSA.....	73
4.6	UNIDADE TEMÁTICA 5: RECOMEÇAR SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS RESSIGNIFICADOS .....	79
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
	<b>APÊNDICE A - Roteiro de entrevista</b> .....	98
	<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido</b> .....	99

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é a ressignificação da vida afetiva, sentimentos e expectativas, após a separação conjugal, como uma necessidade que possibilita o recomeçar. O foco estabelecido para este trabalho será relativo aos sentimentos e expectativas vivenciados antes do casamento, bem como durante e após a separação. Resignificar, conforme Ferreira (2015) é dar novo significado de algo ou de alguém.

O interesse sobre o tema surgiu através da vivência de estágio no Centro Integrado de Atenção à Saúde (CIASC), no ano de 2014, onde no primeiro atendimento clínico, foi possível constatar a dificuldade encontrada pelo cliente em recomeçar sua vida após o divórcio. Leituras sobre o assunto mostram que nos últimos dez anos, o número de divórcios no Brasil quase dobrou, passando de 1,7%, em 2000, para 3,1% em 2010. Os números fazem parte de novos dados do Censo 2010 (BRASIL, 2010). Essas observações foram de extrema importância para a escolha deste tema.

A família é alvo de estudos e reflexões, e têm passado por mudanças ao longo do tempo. Nos primórdios o casamento não era realizado por amor, mas sim um arranjo entre famílias, onde a mulher era submissa ao marido, e a ele cabia às decisões, a mulher cuidava da casa e dos filhos. Com o tempo essa concepção sofreu mudanças, os casais começaram a se casar por amor, e a tomar decisões em conjunto. O casamento passa a ser interligado por sentimentos de amor e cumplicidade (DEL PRIORE, 2006).

O casamento, que antes era visto como indissolúvel, com o advento do divórcio, passa a ser visto como algo que pode se romper, quebrando não apenas vínculos afetivos, mas também planos e projetos de vida. As relações passam a ser mais abertas, os casais têm menos tolerância em preservar relacionamentos duradouros, tornando possível terminar um relacionamento que não é mais satisfatório.

Desta forma, quais são os sentimentos vivenciados pelo sujeito, com a separação, que podem dificultar o ressignificar de sua vida e recomeçar?

A separação pode ser vivenciada como um processo doloroso, onde se rompem sonhos, projetos e laços afetivos. Sentimentos negativos vivenciados de forma

intensa e por longo período de tempo, podem trazer danos à vida pessoal, social, profissional e psíquica. Durante o processo de separação, podem ocorrer, trauma emocional, perda de recursos financeiros, senso de fracasso e a autoestima rebaixada (PAULINO, 2006).

A mobilização emocional é intensa, a pessoa está diante do medo, da incerteza, da insegurança. É comum que aconteça atitudes impensadas e motivadas pelo medo e insegurança. A depressão, quase sempre é acompanhada pelos sentimentos de autodepreciação, pena de si mesmo, baixa autoestima (MALDONADO, 1995).

A separação também pode ser vivenciada como um luto, onde os laços afetivos criados pelo casal se rompem (KOVÁCS, 1992). E os rompimentos ocasionados são vivenciados com dor, seria como passar pelos processos dolorosos da morte ainda em vida (CARUSO, 1989).

Cada indivíduo é único na maneira que percebe a vida, e que vive suas experiências. Segundo Maldonado (1995), a separação envolve estados emocionais e psíquicos. A dor da separação é fisicamente sentida, sintomas como dores no peito, sensação de peso, sufocamento e falta de ar, são relatados. O que foi confirmado por Carter & Mcgoldrick (1995), quando o sujeito não consegue trabalhar suas questões em relação à separação, acarreta má saúde, mudanças no peso, disfunção sexual, insônia e outros transtornos do sono também são frequentes. Por isso a importância de se estudar o tema, que envolve tantas esferas da vida do sujeito.

Quando na vida ocorrem mudanças drásticas, como as que ocorrem com a separação, componentes como a agressividade, irritação ou depressão se vivenciados de forma aguda, sem que o sujeito consiga reagir, tornando necessário buscar ajuda antes do agravamento do caso. Desta forma, estudar mais sobre o assunto, ajuda a produzir novos conhecimentos e praticas profissionais que facilitem ao cliente passar por esse momento da vida de forma saudável e com qualidade de vida.

Conhecer mais sobre o sofrimento que as cerca, aproxima o profissional da realidade vivida por essas pessoas, ajudando o profissional a desenvolver novas formas de intervenção, contribuindo para que o cliente se torne sujeito de sua

própria história, construindo a si mesmo e a seus caminhos a cada dia. O homem se reinventa a cada instante, só existindo poderá ser.

A abordagem que será utilizada nesta pesquisa será a abordagem existencial-humanista. A hipótese para o problema levantado, é que o sujeito vivencia com a separação sentimentos de fracasso, tristeza, solidão e desamparo que dificultam o processo de recomeço da vida. Levando em consideração que a separação conjugal provoca mudanças no ritmo familiar, no cotidiano, e na continuidade de projetos. Sentimentos, expectativas e atitudes influenciam nas diferentes formas de ressignificar a vida, e recomeçar.

Esta pesquisa teve como objetivos, traçar quais sentimentos e expectativas foram mais presentes, antes de se casar, em relação ao casamento; traçar quais sentimentos e expectativas foram mais presentes, na experiência de separação, em relação ao casamento; definir traços de diferenças em relação aos sentimentos e expectativas nesses dois momentos da vida do sujeito; descrever quais foram as dificuldades provenientes dos sentimentos e expectativas encontradas pelo sujeito ao recomeçar sua vida sem o cônjuge.

Para atingir tais objetivos realizou-se um estudo qualitativo de caráter descritivo. Os sujeitos deste estudo foram 05 adultos que passaram pelo processo de separação conjugal. Foi aplicada entrevista semi-estruturada, que foi transcrita, e os dados foram tratados com apoio do método fenomenológico, a luz da abordagem existencial- humanista.

A seguir, será apresentada uma revisão bibliográfica acerca do tema e suas variáveis importantes, e logo à frente, a metodologia de pesquisa, seguida pelos resultados, análise dos dados e discussão, e considerações finais. No apêndice estão contemplados o questionário usado nas entrevistas e o termo de consentimento.



## 2 REVISÃO BIBLIOGRAFICA

A revisão bibliográfica abordará o tema deste trabalho, bem como suas variáveis importantes, que possibilitaram uma melhor compreensão acerca deste universo. Os temas abordados são: a família, como esta influencia na escolha dos pares; o casamento e suas transformações ao longo do tempo, bem como os aspectos sentimentais que o envolvem e o divórcio; a abordagem existencial, trazendo sua visão de homem e sobre os relacionamentos; os sentimentos e expectativas, relacionadas ao casamento, que cada indivíduo que compõe a relação possui; e a dor da perda amorosa, presenciada com a frustração das expectativas e a separação. Estes assuntos possibilitaram a compreensão da temática e a análise dos dados.

### 2.1 FAMÍLIA, CASAMENTO E DIVÓRCIO

A palavra família se origina do latim, “famulus”, que segundo Nascimento (2006), quer dizer, conjunto de servos, que dependem de um senhor, que dividem um mesmo teto. Mas para Carter e McGoldrick (1995), a família é tida como lugar onde se estabelecem relações, e constituir uma família, se torna um objetivo, a ser conquistado por várias pessoas, onde novas relações irão se estabelecer.

Para Dessen e Costa Júnior (2005), não é fácil definir família, devido a sua transformação ao longo do tempo. Segundo Bucher (1999), modelos de família formados por pai-mãe-filhos de um mesmo casal, que é o modelo de família nuclear, não é mais vista como único modelo, esta passou a dar lugar às novas organizações familiares.

Dentre as muitas formas de se formar uma família, o casamento é apenas uma delas, é o primeiro na ordem cronológica, dentre os institutos do direito de família, levando em consideração sua importância na geração de relações familiares (PEREIRA, 2004).

Na Idade Média, a igreja tinha influência sobre o que se entendia por família, esta era de suma importância para a constituição da sociedade. O matrimônio por volta do século XII, era tido como sacramento, mas apenas no século XIII é que a

cerimônia do casamento foi realizado por um padre, tornando-o monogâmico e indissolúvel (ARAÚJO, 2002).

Ao falarmos de monogamia, temos como base que ela se justificou pelo fato de concentrar poder econômico, no âmbito familiar (ENGELS, 2009). Segundo Del Priore (2006), os casamentos eram tidos como negócios, eram arranjos entre famílias, que visavam aumentar o patrimônio, ou não deixar que este, fosse para mãos indesejadas, não levando em consideração, se havia ou não sentimento entre os noivos. Para a igreja o casamento era para gerar filhos, e formar novas famílias, e esperava-se que as mulheres fossem submissas a seus maridos, e estes por sua vez que cuidassem do sustento de sua casa.

Engels (2009) afirma que para assegurar que a mulher, mantivesse sua promessa de fidelidade, e que os filhos que ela gerasse fossem de seu marido, ela era entregue incondicionalmente ao poder do homem. Era entregue ao marido o direito até mesmo de tirar a vida da esposa.

Mas no início do século XVI, os preceitos cristãos deixaram de ser exclusividade da igreja católica tendo representantes também entre os protestantes, o que trouxe modificações sobre o modo de compreender a família. A Igreja Católica queria disciplinar o casamento, colocar regras de como deveria ser o papel do homem e da mulher. Já para os não católicos este papel caberia ao Estado, o que aconteceu nos países onde ocorreu a reforma protestante, em que foram criadas leis onde o único casamento considerado legal é aquele não religioso (SIQUEIRA, 2010).

Da Antiguidade à Idade Média, os casamentos não eram baseados no amor entre os noivos; a escolha do parceiro conjugal era delimitada pelos pais (ARAÚJO, 2002). Algumas mudanças referentes às relações entre os casais foram observadas na Idade Moderna, além da sacralização do casamento, as relações passaram a ser mais igualitárias, a satisfação não era mais somente para os homens, mas para as mulheres também, e surgiu uma maior preocupação da sociedade ocidental com o conceito de amor romântico (BRANDEN, 1998). O amor passou a ser o centro do relacionamento conjugal e não mais um arranjo entre famílias para se garantir o patrimônio.

Foi ao final do século XVIII, que foi constituído socialmente a ideia do amor romântico. O amor ganha destaque na escolha dos parceiros para se casar a ideia



de arranjos entre famílias não tem mais lugar, existe a crença que existe um verdadeiro amor, forte suficiente para ser o alicerce do casal para superar as dificuldades da vida, e que este amor é para sempre (ARAÚJO, 2002; GIDDENS, 1993).

Segundo Costa J (1998), o casamento parece estar interligado ao sentimento de amor, onde a prova máxima desse sentimento pelo outro se dá com o casamento. De acordo com Costa J(1998, p.148).

A atração romântica é considerada a mais adequada e, de fato, a única base para a escolha do parceiro para o resto da vida; (...) supõe-se que os impulsos sexuais de ambos os parceiros devem ser completa e permanentemente satisfeitos no interior do casamento (...) e a ternura, o mistério e a excitação devem coexistir com os cuidados da casa, problemas da educação das crianças e a rotina de quinze mil noites juntos. Os antropólogos consideram-no uma das mais difíceis relações humanas já tentadas, como uma das mais atrativas.

De acordo com Costa J (1998), quando o sujeito se afasta de sua rede cultural, o amor romântico traz consigo o sentimento de pertencimento, pertença a alguém e alguém me pertence, passa a dar sentido à vida, à própria existência.

Segundo Del Priore (2006) e Vaitsman (1994), comportamentos novos começaram a tomar lugar, frente aos velhos costumes, as mulheres não se contentavam mais com os casamentos arranjados pelos pais, a busca era pelo casamento apoiado no amor. A ideia religiosa de casar para gerar filhos ainda era mantida pela igreja católica.

A revolução industrial trouxe mais mudanças para o mundo, não só econômicas, mas também nas suas relações, o amor abriu portas para que o indivíduo escolhesse com quem queria se relacionar, casar e constituir família, direito da livre escolha, e não mais escolha imposta pelos pais (VAITSMAN, 1994).

Na contemporaneidade, há diversos tipos de configurações familiares, as mulheres deixaram de ocupar apenas os espaços domésticos, e passaram a estudar, trabalhar, ocupar cargos importantes nas empresas e também decidirem se querem ou não continuar em um relacionamento. Como não dependem mais financeiramente dos homens, essa independência se tornou uma mola propulsora para os pedidos de divórcio. A modificação do papel da mulher é tido como um dos fatores para o crescimento do número de divórcios (ARAÚJO & SCALON, 2006; BIASOLI-ALVES, 2004; GOLDANI, 2002).

Segundo Carter e McGoldrick (1995), o casamento é compreendido de forma diferente pelo casal, a mulher e o homem o concebem de formas diferentes, é como se houvesse o casamento dela e o casamento dele, e não o casamento dos dois. Existe uma dificuldade em se formar o relacionamento de casal, onde as duas pessoas estejam envolvidas no processo de transformação de solteiros em casados.

O que é confirmado por Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997), enquanto para os homens, o casamento é visto como constituição de família, para as mulheres, o casamento é visto como relação amorosa. Como o amor trouxe valores novos para o casamento, e passou a ser seu alicerce, uma das suas condições era durar para sempre. O aumento do número de divórcios foi inevitável, pois o amor de muitos casais não durou para sempre e tão pouco o casamento que era baseado nele.

Segundo Cecchin (2009), muitas vezes o que as pessoas buscam, não é o casamento em si, mas a tão sonhada felicidade, que ela acredita que o casamento traga consigo.

Muller (2007) chamou a atenção para a existência de conflitos na relação familiar. Alguns casais buscam mediadores para auxiliar na resolução de seus problemas, como líderes religiosos, psicólogos e amigos, que possam ajuda-los a passar pelo momento de conflito. Mas se mesmo mediante a intervenção de outros, os conflitos não são solucionados, tornando a vida do casal insustentável, a separação torna-se uma saída, para colocar fim á vida em comum e acabar com os conflitos sem solução.

Embora a igreja católica, considere o matrimônio como indissolúvel, os casais começaram a perceber, que o casamento não poderia se sustentar apenas na proibição, abrindo as possibilidades para o divórcio (PEREIRA, 2004).

A palavra “divórcio” vem do latim *divortium*, que significa separação, que é derivada de *divertere*, que significa tomar caminhos opostos, afastar-se, tornando um caminho a ser buscado por aqueles que não se sentem mais felizes em seus casamentos (GRZYBOWSKI, 2007). Quando a separação se torna inevitável, o indivíduo tenta encontrar um culpado, dependendo da forma como o sentimento de amor foi interiorizado, fica difícil acreditar que ele chegou ao fim.

Enquanto estivermos convencidos de que o ideal romântico de amor representa o apogeu da relação amorosa, não teremos razões para abandonar um modo de vida sentimental por outro. (...) Quando não

realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar (COSTA, J., 1998, p.34).

Mesmo antes da sua instituição no Brasil em 1977, as pessoas já se separavam, deixavam de conviver com o cônjuge sem passar pela via legal, o que não era bem visto pela sociedade. Com a lei a família foi se constituindo de formas diferentes, pois com o divórcio novos recasamentos foram acontecendo, e formando novos modelos familiares, diferente dos que a sociedade estava acostumada. Desta forma o divórcio mudou não só a formação de novas famílias, mas a maneira dessas se relacionarem entre si e com a sociedade (CERVENY, 2002).

A maneira como o divórcio é visto mudou ao longo do tempo, segundo Campos (2003), antes não era bem visto pela sociedade, era comum encontrar discurso contra o divórcio, hoje ele faz parte do cotidiano das pessoas. E embora o divórcio, esteja presente no cotidiano de muitas famílias, não significa que as pessoas não respeitem o casamento, ou que a ideia de estar casado não agrade, mas o que acontece na verdade é que valorizam tanto o casamento, que buscam uma perfeição nos relacionamentos difícil de ser alcançada (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Cada um ao se casar cria expectativas diferentes, sobre como será o casamento. Na maioria das vezes, existe uma grande diferença, entre o que se pensava ser o casamento, e o que ele realmente é no dia a dia, sendo assim, decidir por se separar, envolve muitas questões que são diferentes para cada pessoa (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Autores como Peck e Manocherian (2001), destacam que a transição pela qual a família passa, no processo de separação, afeta a família, nos seus aspectos emocionais, sociais e econômicos, e que a mesma, não esta preparada, para os impactos que a separação provoca. O que foi confirmado por Paulino (2006), em que as situações conflitivas, que levam à separação, abalam a estrutura emocional e econômica, visto que a separação pode vir acompanhada, de perda de recursos financeiros, traumas emocionais, sentimento de fracasso pelo fim da relação, e baixa autoestima.

Em alguns casos os conflitos permanecem mesmo após a separação, e novos conflitos são gerados, Feres-Carneiro (1998). Após a separação, segundo

Maldonado (1995), a pessoa pode ter atitudes impulsivas, pois ela esta diante das incertezas e medos.

A família busca resposta para o acontecimento do divórcio,segundo Souza e Ramires (2006), o divórcio é um processo de ruptura. Com a separação, deixar para traz, tudo que se considerava importante durante o casamento, leva tempo, este período seria entre dois a três anos, ate que o casal em questão possa se ajustar a nova vida pós-divórcio.

Segundo Brown (2001), o processo de divórcio pode ser compreendido em 3 fases: o primeiro ano como de confusão, a segunda fase é entendida como de transição por começar a organizar as questões econômicas e a terceira fase de estabilização onde há uma reorganização familiar.

O ser humano ao longo da vida experimenta situações de conflito e separações. As perdas como a morte são inevitáveis, fazem parte do desenvolvimento humano. As experiências de morte levam a um luto, que precisa ser elaborado, segundo Kovács (1992), o processo de luto é a quebra de um vínculo, de um investimento afetivo, quanto maior for o investimento afetivo mais doloroso será se desvincular daquilo que se perdeu. A separação conjugal também pode ser vista como um luto, algo se perdeu, se quebrou, pois com a separação há uma quebra de vinculo, onde existiu um investimento afetivo. Mas o único luto que a sociedade reconhece é o da morte, não levando em consideração que a separação também é uma morte, onde um tem que morrer para o outro.

Segundo Caruso (1989), cada pessoa ira vivenciar a separação de forma e intensidade diferente. Na separação a morte é para ambos: “o outro morre em vida, mas morre dentro de mim, e eu também morro na consciência do outro” (CARUSO,1989, p. 20).

E esse luto pela separação, envolve uma dor, que pode ser sentida fisicamente, em forma de dores no peito e sufocamento, já que a separação envolve aspectos emotivos e psíquicos (MALDONADO, 1995). O que é confirmado por Carter & Mcgoldrick (1995), que quando há incapacidade de trabalhar os aspectos que envolvem a separação, a saúde pode ser afetada, ocorrendo, perda de sono, mudanças de peso e disfunções sexuais. Segundo Giusti (1987),deve se levar em consideração que a separação não é apenas o fim de uma união que envolve bens,

mas também a quebra de vínculos, laços emotivos, sexuais, que foram criados pelos sentimentos que os envolviam, como o amor.

Para Botto (2009), o luto decorrido da separação conjugal, é mais extenso do que o luto por morte. Quando se rompe a relação conjugal, além da morte da relação conjugal, também há o rompimento de sonhos e projetos que foram compartilhados, e a perda da identidade conjugal construída e da própria identidade.

Quando a separação não é desejada por uma das partes, ao se defrontar com o fato que a decisão de separação é irreversível, costuma vir à depressão, baixa autoestima, e auto depreciação (MALDONADO,1995). Ataques ao ex-conjuge, vontade de controla-lo e vingar-se podem ocorrer, além da falta de vontade de viver, uma separação pode desencadear uma depressão, e sentimento de fracasso (GIUSTI, 1987).

Para Wagner (2002), a separação pode trazer danos psicológicos, mas também pode ser vivenciado de forma positiva, buscando reformular a vida e ter crescimento pessoal.

Segundo Féres-Carneiro (1998), a separação abala o indivíduo e coloca em xeque sua capacidade de ficar sozinho e sua forma de lidar com a solidão, pois ela pode ser concebida de formas diferentes por cada pessoa. A solidão pode ser vivenciada como possibilidade de repensar sobre sua vida, ou tristeza e isolamento, por não conseguir ficar longe do outro.

Por não saber lidar com a solidão o indivíduo, começa a buscar a presença de um novo parceiro para vencer esse sentimento. A formação de um novo relacionamento é baseado na qualidade da relação, que traz implicações significativas para a formação da identidade (COSTA, J.,1998).

Para Singly (2007), com o casamento os cônjuges constroem um eu-conjugal, que é construído durante a convivência do casal, segundo Willi (1995), a relação que se estabelece com o casamento, é diferente de todas as outras relações humanas, pois quando as pessoas se casam, elas precisam se modificar internamente e se reorganizar.

Segundo Féres-Carneiro (1998), o casamento é considerado como o mais significativo, no ciclo de vida das pessoas, pelo fato de compreender varias mudanças, na vida dos cônjuges e por se formar a conjugalidade, que é essa nova

identidade criada pelo casal. Muitos buscam o recasamento, como forma de se sentir completo, formando nova experiência de conjugalidade, com outra pessoa, e preenchimento do espaço afetivo, constituindo desta forma, novos arranjos familiares.

Em meio ao sofrimento que pode ocorrer com a separação o recasamento aparece como, uma chance de construir uma nova família, fazer novos vínculos afetivos, e ter alguém para compartilhar os sonhos e projetos (WAGNER, 2002). Mas como algo novo, a ideia do recasamento, pode envolver medo de um novo fracasso na vida pessoal, ou do novo cônjuge não corresponder as suas expectativas (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

No recasamento, é necessário que a pessoa desconstrua o que houve no casamento passado, para que ele possa começar, sobre novas bases (BERNSTEIN, 2002). Segundo Féres-Carneiro (1998), é através da experiência do casamento que o individuo pode experimentar, a vida de forma diferente, construindo uma memória conjugal, de fatos que envolvam os dois, mas para isso é necessário que os dois se envolvam nesse processo de construção da vida conjugal.

Para Nichols e Schwartz (1998), a experiência do casamento e tida como a escolha, mais significativa e ao mesmo tempo a mais neurótica, realizadas pelos indivíduos.

## 2.2 ABORDAGEM EXISTENCIAL

O enfoque existencial compreende o homem como ser único, livre, e vivente, em busca de um sentido existencial. O individuo como construtor de seu próprio destino. O Homem é aquilo que se projeta ser, e não existe antes desse projeto. Heidegger (1976) que afirma que o homem é uma possibilidade de ser é liberdade, sem pré-determinação. Segundo Ribeiro (1985, p.27), o humanismo designa, “uma concepção do mundo e da existência, que tem o homem como centro, [...] como diz Heidegger, só o homem existe, as coisas são. O homem é o único ser que tem uma maneira característica de se fazer, de se realizar”.

O homem existe a partir de um contexto, e de suas escolhas, o individuo busca através de realizações significativas, dar sentido a vida e a sua existência. O homem faz suas escolhas, de acordo com seu projeto de vida, se não for assim, ele passara

por frustrações, o sentido de sua vida se torna triste, e empobrecido, trazendo sofrimento, por não vivenciar o seu projeto. Mas é através do sentido da vida que cada um pode avaliar seus sentimentos de forma autêntica (ANGERAMI, 2007).

O amor é um desses sentimentos, que são avaliados ao longo da vida, segundo Angerami (2007,p.47), “o amor é uma relação entre dois seres concretos”. Nas relações amorosas, o indivíduo deseja fazer parte da vida do outro, cria sentimento de pertença, confiança, e desejo de estar sempre próximo. Durante a vida o indivíduo estabelece relações com outro, relações de amizade, de trabalho, relações familiares, que envolvem pais, parentes e irmãos, essas relações são internalizadas, e são constituidoras do mundo fenomenológico do indivíduo. A linguagem afetiva é aprendida dentro desse sistema de relações, essa linguagem esta impregnada de crenças, representações, valores, e forma de percepção (MILKJOVITH, 2013).

Quando as relações são estabelecidas em ambiente seguro, o sujeito tem chance de gerenciar suas relações de forma autêntica e congruente, desenvolvendo empatia que é capacidade de se colocar no lugar do outro, aceitação que consiste em aceitar o outro como ele é, e ser espontâneo em sua forma de ser e agir, mas ao contrario,quando as relações não são estabelecidas em ambiente seguro, as relações amorosas, seriam marcadas pela incompreensão ao outro, dificuldade em aceitar que o outro é diferente e que tem limitações, e dificuldade em administrar situações de estresse vividas na relação, desta forma muitas pessoas apresentam dificuldade em lidar com o fim da relação amorosa (MILKJOVITH, 2013).

Segundo Buber (1974) toda relação entre duas pessoas é exclusiva, não existe outra igual. Cada pessoa ira significar o que é amor a seu modo, a sua maneira. O amor se apresenta de formas diferentes para casa pessoa. Para algumas pessoas o amor é uma entrega, neste processo as pessoas amam e esperam serem amadas, esperam que haja reciprocidade desse sentimento, para muitos o amor é o que da sentido a vida, da cor a própria existência, e quando não se faz presente causa desalento.

Com o amor, há um sentimento de justificação de nossa existência:

Se o amado pode nos amar, está prestes a ser assimilado por nossa liberdade: porque esse ser-amado que cobizamos já é a prova ontológica aplicada a nosso ser-para-outro. Nossa essência objetiva implica a existência do outro, e reciprocamente, é a liberdade do outro que fundamenta nossa essência. Se pudéssemos interiorizar todo sistema, seríamos nosso próprio fundamento (SARTRE, 2007, p. 468).

Determinados envolvimentos recebem o nome de amor, e perdem sua essência ao longo da relação. Diante dos vários significados que o amor possa ter, os poetas dão sentido como dor d'alma, amor é o que se sente e não se define pela razão. O amor não existe como fenômeno real, ninguém o tocou, ou lhe sentiu o perfume, ele é sentido de forma única, por cada indivíduo, quando expressado, através da emoção se torna tocável (ANGERAMI, 2007).

Segundo Sartre (2007), o processo de amar e ser amado envolve conflitos, porque sempre existe a liberdade do outro, que me classifica dentro do seu universo de valores, e formas de significar o mundo, por isso nas relações, busca-se submeter o outro a si, existe uma angústia por não saber como o outro o classifica, não saber o que ele é para o ser amado. Querer ser amado é querer colocar-se para além do sistema de valores do outro, a pessoa começa a exigir do outro, que este faça coisas em nome do amor, que muitas vezes está além dos seus valores. No amor tido como posse, um quer possuir além do corpo do outro, seus sentimentos, eu te amo torna-se objeto de posseção.

O "amor deseja capturar a consciência" (SARTRE, 2007, p. 462). Nos relacionamentos, não se quer o outro aprisionado, sem que ele queira, um quer o outro de forma consentida, voluntária, um deseja estar aprisionado ao outro, pelo amor, que deseje através de sua liberdade, mudar sua vida pelo ser amado.

O indivíduo quando está apaixonado se sente atraído pela liberdade do outro, mas durante a relação amorosa, tenta privar a pessoa dessa liberdade. A liberdade do outro deve converter-se em amor: "e que esta liberdade seja subjugada por ela mesma, reverta-se sobre si própria, como na loucura, como no sonho, para querer seu cativo. E este cativo deve ser abdicação livre e, ao mesmo tempo, acorrentada em nossas mãos" (SARTRE, 2007, p. 463).

No relacionamento amoroso, cada um imagina ser amado pelo outro, e neste conflito de buscar fazer-se amado, existe a subjetividade do outro, existe a sua liberdade de escolha, e ele pode ou não me escolher como seu amado.

Assim, no casal amoroso, cada qual quer ser o objeto para a liberdade do outro, se aliena em sua intuição original; mas esta intuição que seria o amor propriamente dito, não passa de um ideal contraditório do Para-si; igualmente, cada um só é alienado na medida exata que exige a alienação do outro. Cada um quer que o outro o ame, sem dar-se conta de que amar é querer ser amado e que, desse modo, querendo que o outro o ame, quer apenas que o outro queira que ele o ame (SARTRE, 2007, p. 473).



O amor vivido de forma intensa deixa marcas, Segundo Angerami (2007,p.52), “amor é sentimento que torna dócil e meigo o próprio ódio: nada, nem ser existente, resistem ao encanto de sua fragrância e magia”.

Os sentimentos são significados e vivenciados de formas diferentes por cada pessoa, segundo Kierkegaard (1974), existe a verdade de cada um, é subjetiva, não é igual para todo mundo, cada um vê o mundo de acordo com seus valores. A subjetividade transcende a linguagem, viver a experiência ao invés de olha-la de fora.

O ser humano deseja estar com outras pessoas, com quem possa conviver e construir projetos, é o estar-com, que abre caminho para que as outras pessoas façam parte da vida de outros. O indivíduo vive no mundo das relações, que inclui a maneira que os outros o significam, e a maneira que ele significa os outros, ou seja, essa relação é permeada de significados, que advém do modo como ele se relaciona com o outro (ERTHAL, 2013).

O indivíduo não escolhe se relacionar por acaso, segundo Jolivet (1975) o homem não pode completar a si mesmo ,por isso busca na relação alguém que o complete. Não importa a forma como o homem se olhe, ele sempre acabara esbarrando em seus limites, ele percebe que o mundo não o pode complementar, e nem ele a si mesmo.

Para Sartre as relações que se estabelecem entre as pessoas são hostis, começando por saber quem sou eu e quem é o outro. O ser humano é o seu próprio projeto, é liberdade, o outro aparece como limite a essa liberdade, se tornando objeto no olhar do outro, que para se reorganizar torna o outro como objeto de seu olhar, tornando o relacionamento conflituoso (SARTRE, 1977).

Segundo Sartre (2007), o outro oferece perigo, é como se a liberdade de uma pessoa, interferi-se na de outra. Na essência das relações humanas existe o conflito, assim como nas relações conjugais, onde um quer interferir nas escolhas e na vida do outro e na sua liberdade de ser. Experimento angustia quando sinto me existir e quando sou objeto para o outro.

Sartre (1977) investiga a sexualidade quando estuda a relação do corpo com a consciência, todo desejo tem como meta ser possível, e ser satisfeito. Quando na

relação conjugal, se torna difícil ter seu desejo satisfeito, gera conflito e angústia. O desejo não é apenas instinto, mas uma relação do indivíduo como ser-para-o-outro.

O ser-para-o-outro, segundo Erthal (2013), é a estrutura essencial da consciência, o meu corpo me coloca em contato com o outro, e me mostra como sou percebido por ele. Temos direito a individualidade quando nos confrontamos com o outro. O outro nunca se apresenta pra mim por completo. Quando o indivíduo se casa, ele não se apresenta por completo ao outro e nem o outro a ele, tentamos nos transformar naquilo que parecemos para os outros. Se existe censura serei reprovado, se existe admiração serei aprovado. No casamento um quer ser admirado e aceito pelo outro, mas o olhar do outro paralisa meu devir.

O indivíduo se confronta com a sua própria vida e os acontecimentos que a permeiam, e como resultado desse confronto pode surgir a ansiedade, que pode ser administrada de forma diferente por cada pessoa. A ansiedade pode ser vivenciada de forma mais intensa, de acordo com o momento de vida do indivíduo, e pode estar associada a problemas pessoais como a separação. Existir envolve liberdade de escolha, que pode levar o indivíduo a ter várias experiências como de auto-realização, projetos bem sucedidos, amor, mas também, pode levar a experiências frustrantes, e de angústia como as experienciadas através da morte e da separação (TEIXEIRA, 2006).

Segundo Sartre (1991), essa liberdade de autocriação que o indivíduo possui é geradora de angústia, diante do absurdo da vida, o indivíduo sente um mal estar o que Sartre denominou náusea, que é o medo diante da liberdade. Sartre e Kierkegaard, falam da angústia que o indivíduo experimenta, da consciência que se tem da própria liberdade. O indivíduo sente angústia porque não conhece as consequências da escolha, se ela o levará onde realmente quer chegar. Essa angústia pode ser experimentada por indivíduos que se separaram, por não saberem se com essa escolha iriam alcançar o que desejavam.

O sujeito pode aceitar a angústia e dela tirar proveito, mover-se para um crescimento autêntico, ampliando seu campo fenomenológico e, conseqüentemente, ampliando seu leque de escolhas e formas de agir, ou pode negar a integração da angústia à sua vivência, diminuindo suas opções e aumentando sentimentos de culpa que poderá acarretar em tédio existencial (ERTHAL, 1989).

Segundo Angerami (2007), o homem sente culpa quando nega a sua liberdade, ou aniquila as possibilidades de liberdade do outro, por vez o tédio existencial trás grande sofrimento a existência das pessoas, ele se apresenta quando o individuo vê sua vida passar sem realizar seu projeto.

O individuo ao procurar se compreender e se conhecer, cuida da sua existência, se descobre na relação com o outro, constrói seu mundo, responsabilizando-se por si próprio e pelo seu projeto, desta forma cada existência é única. Ao decidir sobre a própria vida, o homem exerce a sua liberdade e é responsável pelas suas escolhas. Para Sartre, o homem não pode fugir de sua liberdade (SARTRE, 2007).

Segundo Sartre (2007), a liberdade esbarra em barreiras, temporais como a morte, que é a finitude do ser, em barreiras espaciais nos limites de opções que uma pessoa pode ter, e a má-fé que é a ausência de justificativa para minhas falhas, pois os valores só passam a ter existência através do meu ser. Continuar em um relacionamento, que o individuo não valoriza mais, tentando buscar justificativas para não ter que decidir, é explicado pela má-fé, onde o individuo finge escolher, em uma tentativa de fugir da angustia, mas se depara com ela a cada instante, fugir só torna a angustia mais presente. Fugir da sua responsabilidade e de suas decisões gera solidão. Segundo Sartre, o individuo acredita na mentira que diz, mas sabe que é mentira, não há inconsciência.

A existência envolve ter consciência, consciência da solidão, faz com que o individuo viva a experiência de isolamento, muitas vezes vivenciado no período de separação. A consciência da falta de sentido, o individuo se sente sem coragem para continuar. A consciência da morte, como possibilidade do fim, que pode gerar muitos sentimentos como medo e ansiedade. A Consciência da liberdade que envolve responsabilidade nas escolhas, e o medo do desconhecido (TEIXEIRA, 2006).

A solidão faz parte da existência humana, e em alguns momentos, se apresenta de forma mais intensa, sem que o individuo saiba como resolver. O homem se sente só por diversos motivos, dentre eles, quando percebe que depende dele mesmo a realização de seus objetivos. Mesmo através das relações que se estabelecem uns com os outros, o homem se sente só, e esta solidão pode estar associada a desespero, e ansiedade por não conseguir conviver com a realidade (ANGERAMI, 2007).

Segundo Sartre (2007), para escapar da ansiedade, criada pelos problemas não resolvidos, e constantes na relação, o indivíduo finge para si mesmo, que não é livre para sair de tal situação, como se o problema fosse o contexto onde ele está inserido, ou o outro como sendo a causa do seu problema, ou culpado das atitudes tomadas e da inércia de continuar no relacionamento ruim. O próprio indivíduo permite enganar a si mesmo, como forma de responsabilizar as circunstâncias pelo fracasso da relação e não ter que responsabilizar-se pela parte que lhe cabe, esta forma de agir, de estar no mundo, Sartre chamou de má-fé.

Desta forma a má-fé, é a tentativa de fugir da angústia da escolha e da responsabilidade que ela traz consigo. Ao fingir que não se é livre se exime da responsabilidade de decidir. O indivíduo tenta se convencer que suas atitudes, até então tomadas, tem haver com sua personalidade, contexto, ele busca qualquer outra coisa fora de si. “Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia” (SARTRE, 2007, p.88).

O indivíduo quer se transformar em outra coisa de forma intencional, para fugir de sua liberdade de tomar decisões. Ele representa o papel que acredita ser-para-outra. Pessoas que vivem passivamente, atribuindo significados superficiais a própria vida. Agindo de forma mecânica, como forma de fugir do enfrentamento da vida real. O que iria exigir tomada de decisões, às vezes a pessoa fica em um casamento ruim para não ter que enfrentar a realidade, esse comportamento é a própria má-fé. É de si mesmo que o indivíduo esconde a verdade (ERTHAL, 2013).

Quando o indivíduo esconde de si mesmo a verdade, o eu não atua como um amigo de si mesmo, escolhendo comportamentos fracassados. Para que haja autoestima é necessária que haja congruência entre os componentes afetivos, cognitivo e comportamental, a divergência entre eles resulta em ansiedade, já que existe uma divergência entre a imagem que se tem de si e a imagem que se expressa. O indivíduo pode tomar dois caminhos: negar a realidade ou aceitar e reformular sua percepção (ERTHAL, 2013).

Quando uma pessoa faz a opção, por determinado projeto, e não por outro, este está ligado ou firmado naquilo que ele valoriza, que passa pela consciência reflexiva que reflete e julga. Assim o homem através da sua liberdade, escolhe seus caminhos, e o que quer ser, não é um ser pronto, mas um vir-a-ser, um ser em

constante construção. O homem é aquilo que faz de si próprio, é responsável por si mesmo, e por suas escolhas. O homem se inventa a cada momento. Essa escolha que o homem faz, sobre si mesmo, é o projeto original, que é a matriz dos demais projetos, determina as ações e sentimentos de cada um. Desta forma o indivíduo se comporta de acordo com a escolha de seu projeto (SARTRE, 1991).

A pessoa muitas vezes não entende, porque se comporta de certa forma e não de outra. Quando o indivíduo escolhe o mundo, dá a ele um significado, o valor que cada coisa possui, para que serve, e para que fim será utilizado. O homem tem necessidade de encontrar seu próprio significado, para isso ele se lança para fora de si mesmo, tenta superar a si mesmo, para realizar seu projeto de vida, o que se destaca, é a imagem que cada um tem de si, e a escolha é diferente para cada pessoa, como ser único que é (ERTHAL, 2004).

É o self fenomenal, ou seja, o campo fenomenológico, que é o conjunto de experiências a influenciar o comportamento, experimentado como parte de si mesmo, o Self-como-objeto, que consiste de experiências próprias, e o self-como-processo, que é o agente que instiga o comportamento, pensar, agir, sentir, é o eu em desenvolvimento constante, cada pessoa percebe sua realidade de uma forma, e essa forma de perceber que determinará sua conduta (ERTHAL, 2013).

O que está a minha volta, o que é próprio de mim, fala da escolha que é meu ser. Estamos sempre conscientes, da escolha que somos, porque é através da consciência reflexiva que apreendo o que sou. Segundo Sartre (2007), a consciência (para-si) não existe sem mundo. Sartre se apoia no conceito de intencionalidade, fruto da fenomenologia de Husserl, em que a consciência é sempre consciência de algo. Sou o meu próprio futuro, o que ainda não existe. A angústia e a ansiedade permeiam essa liberdade de escolha, porque toda escolha implica em abrir mão de algo, e não saber se irá atingir o desejado com a sua escolha. É o imprevisível que impera.

Segundo Kierkegaard (1974), a escolha que o indivíduo faz será de acordo com o fim que ele quer alcançar, nenhuma opção é isenta de angústia, pois existe a incerteza. Existir é escolher, e a cada escolha o homem constrói a si mesmo.

## 2.3 SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS RELACIONADAS AO CASAMENTO

De acordo com Goldenberg (2004), o casal planeja que a relação conjugal seja permeada de companheirismo e cumplicidade, e que seja de forma igualitária. Segundo Garcia & Tessara (2001) e Haddad (2006), o amor continua sendo uma busca entre as pessoas e é valorizado como principal aspecto para que o casamento aconteça. Entretanto, o que é levado em conta na contemporaneidade não é mais a eternidade e sim a intensidade deste sentimento.

Para Carter & McGoldrick (1995), Costa G (2007) dentre os motivos que levam as pessoas ao casamento, além do amor, estão a busca por serem admiradas e atendidas em suas demandas, ter prestígio social, obter satisfação sexual, ter com quem compartilhar a vida fugindo da solidão. Para Bueno & Prado (1989), na relação amorosa, homens e mulheres buscam coisas diferentes: as mulheres buscam carinho, serem compreendidas, a reafirmação do amor e a validação do mesmo, enquanto os homens buscam aceitação, confiança, e serem admirados. Afirmam ainda que essas diferenças quanto às expectativas a respeito da relação amorosa são necessárias, pois se complementam e contribuem para a formação do par.

Segundo Coelho (2000) dentre as expectativas mais valorizadas no casamento contemporâneo esta a troca afetiva, as pessoas pensam encontrar afeto neste espaço, e vivenciar a felicidade junto a companhia do parceiro, e desfrutar a intensidade dos sentimentos que envolvem o casal. O que é confirmado por Garcia & Tessara, (2001) e Haddad (2006), no que diz respeito a relação afetivo emocional o casal busca na relação conjugal encontrar amor, e a segurança que o outro irá manter esse sentimento ao longo do tempo. Busca por segurança emocional, além do companheirismo, onde espera-se que o outro da relação, esteja sempre por perto quando precisar, dividindo planos e frustrações.

Durante o casamento, o casal precisa entender que, mesmo estando casados, existe uma individualidade e uma conjugalidade. Os dois que compõe a relação precisam algumas vezes, viver sua individualidade e em outras, viver os projetos conjugais. Nesta relação existem duas pessoas, com desejos e aspirações diferentes, formas de ver a vida e de se inserir no mundo, identidades que são individuais e que como casal há uma conjugalidade. Existem desejos que são

individuais, e outros que são em conjunto, um projeto de casal (FERES-CARNEIRO, 1998).

Segundo Heilborn (1995, 2004), na convivência do casal é preciso haver uma dosagem certa, de intimidade, privacidade, autonomia e liberdade. Muitas vezes, a busca pela satisfação pessoal e o sonho de se casar se torna o motivo do casamento, a relação se torna confusa sem encontrar espaço para o planejamento e realização dos projetos de vida como casal, o casamento se torna uma busca solitária.

Na vida do casal, cada um busca ser parte integrante da vida do outro, para Buber (1974), a relação de duas pessoas para ser possível é necessário que haja reciprocidade, um precisa incluir o outro na relação. Cada um precisa ir ao encontro do outro. Segundo Erthal e Veríssimo (2015), para se formar a identidade conjugal é preciso que ambas as partes, deem abertura para o parceiro. É preciso que haja um diálogo entre o casal e não cada um vivendo em torno de si mesmo. O amor precisa ser vivenciado com atitudes, para que haja qualidade na relação.

O casal que se une por motivos afetivos, espera que o casamento seja lugar de compartilhar, onde cada um compartilha com o outro o dia a dia. Esse compartilhar se torna um espaço de trocas intersubjetivas, onde há lugar para o projeto de vida a dois, trocas afetivas, acolhimento, transmissão de sua história de vida. Segundo Jablonski (1994), para que haja a manutenção da família, precisa haver o espírito de familiarismo. Mas o que se busca é a individualidade e a própria realização, que causa um embate, e cria expectativas que não são compatíveis, cada um busca para si mesmo, e não algo em comum.

O casal envolvido no relacionamento amoroso, segundo Giddens (1993), espera viver o amor romântico, que carrega em si várias expectativas, que se espera que aconteça que haja uma intimidade tal que proporcione uma comunicação psíquica. E que o encontro com a pessoa amada seja reparador a ponto de preencher todo vazio sentido pelo outro, que ele seja a completude que lhe falta. O indivíduo que até então estava partido se torna completo. O que é confirmado por Bauman (2004), o amor é tido para muitos, como algo que viria a ser a solução de todos os seus problemas e anseios.

Este amor romântico era vivenciado em particular pelas mulheres, onde lhe cabia o papel de suavizar a dureza do coração dos homens. Para o homem estar apaixonado significava ter acesso a mulher, cuja intimidade só seria permitida com o casamento, tornando os homens especialistas em sedução. Na contemporaneidade, o amor romântico conta com a modificação do papel feminino, com a emancipação das mulheres e sua autonomia, não existe mais na conjugalidade, o para sempre e único, estes não prevalecem mais na conjugalidade contemporânea. O laço só se mantém se houver satisfação conjugal para ambos (GIDDENS,1993).

O casal muitas vezes planeja fazer do amor o laço que os une, mas segundo Jablonski (1994), o amor que era o laço de união, pode tornar-se de desunião, os casais colocam no amor todo o peso e responsabilidade da acertabilidade do casamento, tornando difícil um relacionamento como o casamento se ancorar em apenas um sentimento. O casal espera que o amor seja intenso, avassalador e irresistível, que possa vencer todas as barreiras, é um amor idealizado. O outro da relação que se torna o objeto amado é supervalorizado, sem levar em consideração suas limitações como ser humano. As pessoas criam um ideal a ser encontrado o príncipe ou a princesa, com todas as qualidades e méritos inalcançáveis no mundo real. E além do peso da perfeição ainda carregam a missão de dar ao ser amado toda a felicidade, alegria, satisfação para todo o sempre.

O rompimento conjugal muitas vezes se dá ao fato da não tolerância, do casamento não corresponder as suas expectativas, quanto a felicidade eterna, compreensão, companheirismo e o amor avassalador (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Segundo Erthal e Veríssimo (2015), o que pode dificultar a relação do casal é que cada um fica aprisionado a sua própria razão, sem levar em consideração a razão do outro. O maior desafio que podemos encontrar é não permitir que o medo, atrapalhe as possibilidades que nos permite ter uma relação melhor. Ao fazer do outro cativo, o que se quer é que o outro seja um Ser-Para-Mim, fugindo da angustia e do medo de Ser. Mas se engana, quem aprisiona o outro, acreditando que só este está aprisionado. Na verdade a prisão é para os dois da relação, pois ao manter o outro cativo me aprisiono também, na posição que estou.

O conflito é justamente, quando cada um, quer manter suas razões. Durante a relação tanto é possível cativar o outro como se tornar cativo. O medo da liberdade pode representar o medo da solidão, de acordo com Fromm (1983), é como se o



outro da relação se transformasse no lugar seguro, onde pudéssemos buscar tudo aquilo que nos falta, quando isso acontece colocamos sob o outro o peso de ser responsável por aquilo que nos completa. Sendo assim se não sou completo a culpa é do outro, que não esta desempenhando o papel que lhe incumbi.

Segundo Jablonski (1994), com os pés fincados nesta posição, quando o amor acaba, os casais enfrentam um sentimento de decepção, de terem sido traídos por tal sentimento, que não cumpriu o que prometia a felicidade eterna. Os casais nesta fase tendem a procurar um culpado, culpam ao outro ou a si mesmos, mas não se lembram do modelo imposto pela sociedade que não corresponde a realidade.

Para Erthal e Veríssimo (2015), a solidão também pode ser vivenciada, mesmo quando o individuo esta dentro de uma relação amorosa. A relação de amor não é garantia de não se sentir mais só. Para que haja uma relação entre duas pessoas é necessário entrega e compromisso de ambas as partes, relações onde há o egocentrismo o vazio impera.

De acordo com Jablonski (1994), não são poucos os desafios enfrentados no casamento. O casamento e o sexo trás consigo suas contradições, de um lado recebemos culturalmente por parte de nossas famílias a concepção de monogamia e unidos ate que a morte nos separe, e por outro lado a liberação sexual, apregoada nas artes e mídia, a monogamia torna-se um comportamento distante de ser alcançado, mesmo conhecendo todas as consequências de seus atos e frustrações das expectativas do outro. As expectativas sobre o casamento são construídas socialmente, através dos valores familiares vivenciados desde a infância, também são importantes e contribuem para a formação desta expectativa as experiências amorosas vividas com seus pares, e a contribuição da mídia também exerce seu papel.

Para Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1995), Para as mulheres o casamento não vai bem quando não se percebem mais admiradas, quando a relação sexual não é satisfatória a separação parece certa, tendo em vista que para as mulheres casamento é relação amorosa. Enquanto que para os homens ainda que a parte amorosa não esteja bem, não é suficiente para se colocar fim ao casamento.

## 2.4 A DOR DA PERDA AMOROSA

O amor é um desejo e busca do ser humano, segundo Cardella (1994), o amor é um estado de ser, que lhe permite enxergar o outro como único, e como semelhante seu na condição de ser humano. Para Zinker (2001) dependendo do momento da vida em que o indivíduo está, o amor terá um significado, mas a experiência de se apaixonar requer uma fusão com o ser amado, que se constitui em um enigma. Pois acredita-se que sem o outro da relação não se é inteiro, falta-lhe algo, não se é completo em si mesmo.

Quando há uma quebra na relação amorosa, é provocada uma dor. Segundo Caruso (1988, p.13) “Não por acaso, em todos os mitos religiosos, o estado idealizado de dor ‘absoluta’ após a morte física do pecador é equiparado à separação absoluta do objeto amoroso”. Para os apaixonados, enlaçados pelo amor, a separação é sentida como uma dilaceração, algo lhe foi tirado, arrancado de si.

Nesta separação não é apenas a dor da perda do outro, mas também a dor da perda de si, o que é confirmado por Schettini (2000, p.44) a separação “é como se, perdendo o outro, ter-se-á perdido uma parte de si”. Segundo Caruso (1988), ao se romper os laços que envolvem a relação de amor, pode-se provocar sentimentos diferentes em cada pessoa, de acordo com sua história de vida e forma de perceber o mundo e as relações, sentimentos como rebeldia ou conformação podem ser vivenciados.

A confusão emocional, que é sentida por quem passa pela separação segundo Caridade (1997), é como se a pessoa estivesse perdida, sem saber o que sentir em relação aos acontecimentos e ao ser amado. O sofrimento faz com que um não enxergue o outro como ele verdadeiramente é. O parceiro que foi deixado esforça-se para ter o outro, que já não está mais na relação, seu esforço é em vão, ele se martiriza, e se culpa pelo fim do relacionamento, e passa grande parte do seu tempo tentando encontrar onde está o erro que levou a relação ao fim.

Saber-se desejado, importante e significativo para o outro é a maior ânsia humana. O que se deseja mais intensamente é que o outro nos deseje. Nada alcança maior importância. Sentir-se objeto de desejo para o outro torna-se grande referência de saúde emocional nas pessoas (CARIDADE, 1997 p. 97).

Segundo Caridade (1997), o sofrimento deixado pelo rompimento amoroso, e a rejeição, leva a pessoa a se diminuir, e pode leva-lo a uma depressão e desconfiança sobre novos relacionamentos. A vida parece não encontrar razões de ser, sem a presença e o amor do outro. Aquele que ainda esta envolvido sentimentalmente, se sente humilhado frente a constatação, de não ter conseguido enlouquecer o outro de amor. Existe um luto pela perda, e é desprendido um esforço enorme para tirar o outro do seu imaginário, não ter mais que pensar na outra pessoa. Segundo Cavanellas (2001), a experiência de estar sem o outro, faz com que o outro se descubra só , ele vivencia o sentimento de solidão e abandono. Mas também, pode ser lugar de partida, de se repensar.

De acordo com Schettini (2000), “a perda talvez seja a ameaça mais angustiante enfrentada pelo ser humano” (p.33). Para Kovács (1992, p.150), a perda é como morte estando consciente:

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nessa representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é 'perdida' e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é uma parte internalizada nas memórias e nas lembranças, na situação do luto elaborado. A morte como perda evoca sentimentos fortes, pode ser chamada de 'morte sentimento' e é vivida por todos nós. É impossível encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda. Ela é vivenciada conscientemente, por isso muitas vezes, mais temida do que a própria morte. Como esta última não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica.

Segundo Schettini (2000), encaramos a perda apenas como algo que se foi, sem o nosso consentimento, esta perdido, longe do alcance, mas a perda também pode ser vivenciada como ganho. A perda pode trazer alívio por sair de uma relação que não era mais prazerosa, pode ser momento de ampliar sua visão e construir novos planos. Mas essa vivencia da perda como ganho, só é possível depois de ter passado o momento de dor intensa pela ruptura do relacionamento.

Essa dor sentida pela ruptura do relacionamento é a dor psíquica, que é a dor sentida com a ruptura do laço amoroso, “quando a causa se situa mais-além do corpo, no espaço imaterial de um poderoso laço de amor, a dor é chamada psíquica” (NASIO,1997,p.25). A pessoa que sofre, entrega seus pensamentos a imagem do ser amado, ocupando seu tempo, esgotando-se em pensar no que foi perdido, “o esgotamento de um eu inteiramente ocupado em amar desesperadamente a imagem do amado perdido” (NASIO,1997, p. 29).

Para Perls, Hefferline e Goodman (1997), a dor vivenciada com a separação é uma reação chamada de “ajustamento criativo”(p.60), o organismo se ajusta, busca meios para satisfazer suas necessidades. No momento da dor, esta é a maneira encontrada para interagir com o mundo se ajustando da melhor maneira possível a fim de aliviar o sofrimento.

A reconstrução da vida, segundo Wagner (2002), através de um novo relacionamento ou um recasamento pode ser um novo caminho a ser tomado, como forma de recomeçar a vida após a separação. Um novo casamento entra como uma forma de se realizar afetivamente, construir vínculos e intimidade.

Este novo projeto de vida não é sem, ansiedade, medo do novo, da liberdade de escolha, que trás consigo angustia e duvidas, se ira dar certo ou não. O que é confirmado por Carter e Mcgoldrick (1995), o novo casamento envolve medos: medo deste outro com quem se casou por não se ter certeza se escolheu o parceiro certo; medo de não saber lidar com a reação do ex-cônjuge com essa nova realidade, a pessoa precisa lidar com os próprios medos.

Para Bernstein (2002), para que haja o segundo casamento é necessário que se desconstrua o primeiro. Isso faz com que os envolvidos no processo, repensem o ideal de casamento. Segundo Féres-Carneiro (1998), o recasamento também é espaço de se estabelecer uma nova conjugalidade, trocas afetivas, companheirismo, e a vivencia de novo amor.

O homem busca formas de recomeçar e vencer o sofrimento. A dor deixada pela separação amorosa, se mostra intensa como a morte, é uma parte de si que se perde. Tornando difícil encontrar forças para recomeçar, pois o medo de passar por tudo novamente pode ser paralisante. Sendo assim é necessário ressignificar suas expectativas e sentimentos em relação ao casamento. Para que este possa ser uma feliz possibilidade, para recomeçar sua vida, já que o casamento é um espaço de formação de vínculos e troca afetiva.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Quanto aos fins, esta é uma pesquisa descritiva, que segundo Trivinos (1987) esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. O que é confirmado por Gil (2009), em que a pesquisa descritiva, tem “[...] como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 2009, p. 28).

Quanto aos meios é uma pesquisa de campo que segundo Gil (2007) procura o aprofundamento de uma realidade específica, pode ser realizada por meio de entrevistas com os informantes, para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade. Desta forma:

Os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa (GIL, 2009, p.57).

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto às pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002).

Quanto à abordagem é uma pesquisa qualitativa, ela não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão do fenômeno apresentado. Segundo Gerhardt (2009, p, 32).

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos [...] não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Segundo Goldenberg (2004, p. 17) “Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que ‘o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.’”.

Segundo Minayo (2006), a pesquisa qualitativa não se preocupa em quantificar a realidade, mas sua preocupação esta voltada em compreender as relações sociais

que se estabelecem entre as pessoas, com os seus significados, crenças e valores. De acordo com Minayo (2006) :

A pesquisa qualitativa é a que se aplica, ao estudo das relações, das representações sociais, das crenças, das percepções e das opiniões que são produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Ela responde as questões muito particulares, se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2006, p.57).

### 3.2 CAMPO DE ESTUDO

A ênfase da pesquisa escolhida se refere ao campo da psicologia clinica, a pesquisa é de caráter descritivo e qualitativo.

### 3.3 PARTICIPANTES

Para realização desta pesquisa, foi adotado a técnica bola de neve. Segundo Baldin e Munhoz (2011) a técnica bola de neve se caracteriza pelo fato de um participante, indicar outro participante, que faz parte de sua rede de amizade, ate que atinja os objetivos da pesquisa.

Desta forma os sujeitos que participaram desta pesquisa foram 05 adultos que passaram pelo processo de separação conjugal.

A escolha do numero de participantes, foi pelo fato de se acreditar, que esse número foi satisfatório para atender a proposta da pesquisa, levando em consideração que, não se pretende fazer generalização sobre o universo do tema escolhido, mas sim compreender melhor esse universo.

Segundo González Rey (2002, p.35):

O conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade se sua expressão. O número de sujeitos a serem estudados responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que surgem no curso da pesquisa.

### 3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Para coleta de dados foi utilizada, a entrevista semi-estruturada, os sujeitos foram entrevistados, no local, dia e horário de melhor disponibilidade.

Os participantes foram contatados pelo pesquisador, via telefone, a fim de agendar dia, horário, e a melhor circunstância para que pudessem responder as perguntas da entrevista, que foram realizadas de forma individual, em ambiente privado.

O roteiro de entrevistas foi utilizado somente como orientador, para alcançar os objetivos desta pesquisa, levando em consideração o momento vivenciado por cada sujeito, e sua disposição em falar sobre os assuntos abordados. Segundo Martins e Bicudo (1987, p.53 e 54):

Quando se conversa (dialoga) com os respondentes que tomam parte de uma pesquisa qualitativa com a finalidade de obter-se informações úteis e importantes, de relevância para ambos, pesquisador e entrevistado, é impossível seguir as regras e o rigor encontrados nos textos concernentes à metodologia de pesquisa empírica que tratam a entrevista como “método”. Ela não é um método. É apenas um recurso metodológico.

### 3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados através de entrevista semi estruturada, com um roteiro pré-estabelecido de perguntas, onde diferentes temas foram abordados, tais como, os sentimentos e expectativas mais presentes antes de se casar e na experiência da separação, as dificuldades encontradas pelo sujeito em recomeçar sua vida sem o cônjuge e planos para o futuro em relação a vida afetiva.

Conforme o andamento da entrevista, outras questões foram abordadas, para melhor compreensão do fenômeno. Segundo Minayo (2006), o roteiro de entrevistas é apenas direcionador, para guiar o pesquisador, não impedindo que este, possa incluir novas questões a serem abordadas. Para Minayo a entrevista:

[...] é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 2007p. 261).

Desta forma na coleta de dados, as perguntas se orientaram pelos objetivos específicos pretendidos. Segundo González Rey (2002, p.4):

“As construções do sujeito diante de situações pouco estruturadas produzem uma informação qualitativamente diferente da produzida pelas respostas a perguntas fechadas, cujo sentido para quem as responde está influenciado pela cosmovisão do pesquisador que as constrói.”

Segundo Trivinos (1987) dentre os principais meio de coletas de dados esta a entrevista semi estruturada, que “favorece a descrição dos fenômenos sociais, sua

explicação e a compreensão de sua totalidade além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVINOS, 1987, p.152).

De acordo, Minayo (1994, p.43) revela que, “a amostragem boa é aquela que possibilita a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”.

A linha teórica que serviu de base para a investigação é a existencialista.

### 3.6 ASPECTOS ETICOS

Nesta pesquisa foram seguidas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do CONEP, órgão do Conselho Nacional de Saúde, estabelecidas na Resolução 196/96 de 10/10/1996, entre os quais as garantias de participação livre e esclarecida, de anonimato e de sigilo quanto ao uso das informações prestadas.

O Termo de Consentimento foi entregue e assinado por cada participante, além de receberem as informações esclarecedoras sobre o conteúdo da pesquisa a ser desenvolvida.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram tratados com apoio do método fenomenológico, que de acordo com Bicuco (2000, p.74):

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem. [...] "O sujeito expõe aquilo que faz sentido, ou seja, ele relata, descreve o percebido" [...].

Para Gil (2009), as pesquisas com enfoque fenomenológico, se preocupam com o fenômeno e não com o desconhecido por detrás delas. Desta forma o pesquisador se preocupa em:

[...] mostrar e esclarecer o que é dado. Não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa [...] O objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito, nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito (GIL, 2009, p.33).

Segundo Forghieri(2002), o método fenomenológico é um recurso para pesquisar a vivência. As situações experienciadas por cada indivíduo, possuem um sentido próprio para cada um, que esta relacionado com sua forma de existir. Forghieri (2002,p.59) diz ainda que,

o objetivo inicial de chegar à essência do próprio conhecimento passa a ser o de procurar captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano.

Do ponto de vista fenomenológico, a realidade não é tida como algo objetivo:

A realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Não há, pois, para a fenomenologia, uma única realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações (BICUDO, 1994, p. 18).

O método fenomenológico possibilita chegar a essência do conhecimento, através da redução fenomenológica, segundo Forghieri (2002,p.59):

A redução fenomenológica consiste em retornar ao mundo da vida, tal qual aparece antes de qualquer alteração produzida por sistemas filosóficos, teorias científicas ou preconceitos do sujeito; retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão que permita chegar à essência do conhecimento, ou ao modo como este se constituiu no próprio existir humano.

O pesquisador utiliza-se da redução fenomenológica, para investigar as experiências vividas pelo indivíduo. Primeiramente, ele a utiliza na própria vivência, para depois utiliza-la na vivência de outros.

A redução fenomenológica, que requer a suspensão das atitudes, crenças e teorias - a colocação "entre parênteses" do conhecimento das coisas do mundo exterior - a fim de concentrar-se exclusivamente na experiência em foco, no que essa realidade significa para a pessoa. Isto não significa que essas coisas deixam de existir, mas são desconsideradas temporariamente. Quando, pois, o pesquisador está consciente de seus preconceitos, ele minimiza as possibilidades de deformação da realidade que se dispõe a pesquisar (GIL, 2009, p.34).

Segundo Merleau-Ponty (1994,p.11) "é no contato com a nossa própria experiência que elaboramos as noções fundamentais das quais a Psicologia se serve a cada momento."

Segundo Forghieri (2002, p.60), a redução fenomenológica, possui dois momentos: o primeiro é o envolvimento existencial que consiste "no retorno do pesquisador à vivência e sua penetração na mesma; prossegue com o distanciamento reflexivo que consiste na reflexão sobre a vivência". Sobre o envolvimento existencial:

[...], o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair de uma atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência (FORGHIERI,2002, p.60).

No segundo momento da redução fenomenológica, entende-se por distanciamento reflexivo, segundo Forghieri (2002, p.60):

o pesquisador procura estabelecer um certo distanciamento da vivência, para refletir sobre essa sua compreensão e tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou o significado daquela vivência em seu existir. Porém, o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo de ligação com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível da própria vivência.

Segundo Martins e Bicudo (1987), o que caracteriza uma pesquisa como fenomenológica: é inicialmente o pesquisador interrogar o participante sobre o fenômeno, o discurso é transcrito, e realizada uma leitura atenciosa, quantas vezes forem necessárias, a fim de buscar aspectos comuns na fala dos sujeitos, que são as convergências, e as divergências que também contribuíram para o emergir das categorias temáticas concretas. Os significados apreendidos ao serem analisados e interpretados, possibilitarão a compreensão do fenômeno a ser estudado. São estas características, que contribuíram, para que o pesquisador possa conduzir sua

pesquisa dentro do padrão, necessário para considerá-la como fenomenológica e conferir a esta o rigor científico e epistemológico.

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos desta pesquisa, e para que haja uma melhor compreensão, será abordado cinco unidades temáticas descritas a seguir :

A primeira unidade temática, “expectativas antes de se casar em relação ao casamento”, foi subdividida nas seguintes unidades de significados: busca pela felicidade, segurança emocional, ter encontrado o par perfeito, constituir família, amor como principal, amor idealizado, amor romântico, amor vencendo a solidão.

A segunda unidade temática nos traz a “vivência da frustração da expectativa sobre o casamento”, e é subdividida nas seguintes unidades de significado: amor como posse da liberdade do outro, presença de conflito na relação, ausência de liberdade, frustração, solidão dentro do casamento, angústia frente ao outro da relação, Ma-fé.

A terceira unidade temática, “sentimentos após a separação” foi subdividida nas seguintes unidades de significado: traídos pelo amor a busca pelo culpado, tédio existencial, expectativa não correspondida = separação, angústia e medo frente a separação, ansiedade, falta de sentido, solidão, depressão.

A quarta unidade temática aborda sobre “a dor da perda amorosa”, é subdividida nas unidades de significado: sentimento de incompletude sem o outro, separação como dilaceração, luto pela perda, dor psíquica, dor física, busca pelo alívio da dor.

A quinta unidade temática é sobre “o recomeçar: sentimentos e expectativas ressignificados”, e foi subdividida nas seguintes unidades de significado: amor como possibilidade, repensando o ideal de casamento, Individualidade e conjugalidade, novo olhar sobre a separação, responsabilidade sobre as escolhas, recasamento: vencendo o medo do desconhecido.

#### 4.1 IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram 05 sujeitos, que serão denominados daqui pra frente de E1, E2, E3, E4, E5 a fim de garantir o sigilo da identificação dos mesmos. Participante E1: sexo feminino, branca, tem idade de 50 anos é recasada. Participante E2: sexo feminino, branca, tem 27 anos, não se casou de novo.

Participante E3: sexo feminino, parda, tem 21 anos, esta namorando pensa em se casar. Participante E4: sexo masculino, pardo, tem 26 anos é recasado. Participante E5: sexo masculino, branco, tem 58 anos é recasado.

#### 4.2 UNIDADE TEMÁTICA 1: EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO CASAMENTO ANTES DE SE CASAR

Quadro 1 - Expectativas em relação ao casamento antes de se casar

(continua)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Expectativas em relação ao casamento antes de se casar	Busca pela felicidade	<p>“achei que ela me faria feliz”(E5).</p> <p>“eu esperava que ele fosse fazer tudo pra me ver feliz”(E3).</p> <p>“eu esperava viver momentos felizes, com ela. Pensei que não apenas eu, mas ela também iria procurar me fazer feliz”(E4).</p>
	Segurança emocional	<p>“achei que tinha encontrado alguém, que iria me amar pro resto da vida, pensei que minha vida sentimental, estaria resolvida, com o casamento”(E2).</p> <p>“eu pensava que com o casamento, minha vida sentimental estava decidida, resolvida, que não precisaria mais me preocupar com isso”(E3).</p> <p>“eu esperava me casar, e ficar tudo certo, que ela estaria comigo pra sempre”(E5).</p>
	Ter encontrado o par perfeito	<p>“tinha certeza que era minha alma gêmea”(E1).</p> <p>“pra mim ele era assim..perfeito....do jeito que eu sonhei pra mim”(E3).</p> <p>“a eu sei la, era como se ele não tivesse defeito sabe, pra mim todo mundo tava errado, e ele tava certo. As vezes ele fazia uma coisinha de nada, mas pra mim parecia algo grande que ninguém mais poderia fazer”.(E2).</p> <p>“eu achava que ele era assim, sincero, romântico, que ia sempre dividir tudo comigo, me contar tudo”(E3).</p> <p>“eu esperava que ela fosse sincera, que iria me entender, estar sempre me apoiando”(E5).</p> <p>“antes eu esperava pelo príncipe encantado, aquele sabe, montado no cavalo branco, cem por cento confiável, gentil, atencioso, que faria qualquer coisa por mim”(E1).</p>

Quadro 1 - Expectativas em relação ao casamento antes de se casar

(conclusão)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Expectativas em relação ao casamento antes de se casar	Constituir família	<p>“Meu sonho sempre foi de me casar, não via a hora desse dia chegar”(E3).</p> <p>“desde criança, tinha o sonho de me casar”(E1).</p> <p>“sempre tive nos meus planos me casar”(E5).</p>
	Amor como prioridade	<p>“pra mim o importante é que tivesse amor”(E5).</p> <p>“sempre pensei que o principal do casamento, o que nunca poderia faltar era o amor”(E1).</p> <p>“eu pensava que o amor era o mais importante”(E2).</p>
	Amor idealizado	<p>“ se existe amor não tem como da errado”(E3).</p> <p>“assim, se tem amor, as dificuldades vem, mais são vencidas, porque quando se ama, tudo tem jeito” (E2).</p> <p>“se você ta com a outra pessoa e o sentimento é verdadeiro, se vence tudo que aparece”(E4).</p>
	Amor romântico	<p>“eu tinha um pensamento sobre o amor, eu achava que quando me apaixonava-se, que ia ser mágico, que a gente ia se entender mesmo sem falar nada, tipo assim, transmissão de pensamento sabe”(E3).</p> <p>“sabe aquela coisa de olhar e saber o que o outro da pensando, pra mim estar amando era assim”(E1).</p> <p>“eu esperava, que mesma quando agente estivesse longe, ele sentisse de alguma forma, o que estava acontecendo comigo. Tipo mesmo de longe um sentir o outro”(E2).</p> <p>“pra mim o amor que tínhamos iria durar pra sempre, por isso me casei, era tão intenso o que sentia, que parecia não ter fim” (E3).</p>
	Amor vencendo a solidão	<p>“ se há amor, eu sempre vou ter ele do meu lado, pra compartilhar tudo”(E1).</p> <p>“pra mim quando se ama, nunca mais se esta só”(E2).</p> <p>“eu pensava que o amor me traria tudo, ate mês nunca mais me sentir só”(E5).</p>

Fonte: Elaboração própria

A primeira unidade temática, “expectativas em relação ao casamento antes de se casar”, foi subdividida nas seguintes unidades de significados: busca pela felicidade, segurança emocional, ter encontrado o par perfeito, constituir família, amor como prioridade, amor idealizado, amor romântico, amor vencendo a solidão.

Os casais, antes de casarem, possuem uma expectativa sobre como será o casamento. Essa expectativa engloba vários aspectos, dentre eles a busca pela felicidade. A felicidade é vista como algo que vem do outro, como se a pessoa com quem se pretende casar, trouxesse consigo a felicidade para o outro da relação. Segundo Cecchin (2009), muitas vezes o que as pessoas buscam, não é o casamento em si, mas a tão sonhada felicidade, que ela acredita que o casamento traga consigo.

*“achei que ela me faria feliz” (E5)*

*“eu esperava que ele fosse fazer tudo pra me ver feliz” (E3).*

Esta expectativa pela busca da felicidade através do casamento, foi confirmado por Jablonski (1994), que afirma que, além do peso da perfeição, o cônjuge ainda carrega a missão de dar ao ser amado toda a felicidade, alegria, e satisfação para todo o sempre.

Para Coelho (2000), dentre as expectativas mais valorizadas no casamento contemporâneo, esta a troca afetiva; as pessoas pensam encontrar afeto neste espaço, e vivenciar a felicidade junto à companhia do parceiro, desfrutando da intensidade dos sentimentos que envolvem o casal.

*“ eu esperava viver momentos felizes, com ela. Pensei que não apenas eu, mas ela também iria procurar me fazer feliz”(E4).*

A expectativa quanto a segurança emocional, também é algo a ser notado. Se sentir seguro em ter encontrado alguém, que os ame e mantenha esse amor ao longo da relação é uma expectativa bastante valorizada entre os entrevistados. O casamento é visto como um elo, que lhe assegura uma vida sentimental estável.

*“eu pensava que com o casamento, minha vida sentimental estava decidida, resolvida, que não precisaria mais me preocupar com isso.”(E3)*

Garcia & Tessara (2001) e Haddad (2006), afirmam, no que diz respeito à relação afetivo- emocional, que o casal busca na relação conjugal encontrar amor, e a segurança que o outro ira manter esse sentimento ao longo do tempo. Busca-se por segurança emocional, além do companheirismo, se onde espera que o outro da relação esteja sempre por perto quando precisar, dividindo planos e frustrações.

*“achei que tinha encontrado alguém, que iria me amar pro resto da vida, pensei que minha vida sentimental, estaria resolvida com o casamento.”(E2)*

*“eu esperava me casar, e ficar tudo certo, que ela estaria comigo pra sempre.”(E5)*

A expectativa de ter encontrado o par perfeito, esteve presente entre os pesquisados. O outro da relação parece não ter defeitos, qualquer gesto, por menor que seja, é visto como algo grandioso e é supervalorizado. O que foi confirmado por Jablonski (1994), o outro da relação que se torna o objeto amado, é supervalorizado, sem levar em consideração suas limitações como ser humano.

*“ah eu sei la, era como se ele não tivesse defeito sabe, pra mim todo mundo tava errado, e ele tava certo. As vezes ele fazia uma coisinha de nada, mas pra mim parecia algo grande que ninguém mais poderia fazer”. (E2)*

*“pra mim ele era assim...perfeito....do jeito que eu sonhei pra mim”.(E3)*

*“tinha certeza que era minha alma gêmea”. (E1)*

O ideal em torno da pessoa amada se mostra muito presente nos relacionamentos investigados, onde a pessoa amada é idealizada e possui qualidades inalcançáveis.

*“antes eu esperava pelo príncipe encantado, aquele sabe, montado no cavalo branco, cem por cento confiável, gentil, atencioso, que faria qualquer coisa por mim”(E1).*

*“eu achava que ele era assim, sincero, romântico, que ia sempre dividir tudo comigo, me contar tudo”(E3).*

Para Jablonski (1994), as pessoas criam um ideal a ser encontrado o príncipe ou a princesa, com todas as qualidades e méritos inalcançáveis no mundo real.

*“eu esperava que ela fosse sincera, que iria me entender, estar sempre me apoiando”(E5).*

Constituir família, é uma das expectativas apresentadas, que de acordo com Carter e McGoldrick (1995), a família é tida como lugar onde se estabelecem relações, e constituir uma família, se torna um objetivo, a ser conquistado por varias pessoas, onde novas relações irão se estabelecer. Para os entrevistados a constituição de

uma família passa pela concretização de um sonho, um plano elaborado por alguns desde a infância.

*“desde criança, tinha o sonho de me casar”(E1).*

Para Heilborn (1995, 2004), muitas vezes, a busca pela satisfação pessoal e o sonho de se casar se torna o motivo do casamento. Os entrevistados trouxeram em seu relato, o planejamento deste sonho, o casamento.

*“Meu sonho sempre foi de me casar, não via a hora desse dia chegar”(E3).*

*“sempre tive nos meus planos me casar”(E5).*

O amor como prioridade se mostra como primordial para que o casamento aconteça, ou seja, não tem como o casamento existir sem este componente. Segundo Garcia & Tessara (2001) e Haddad (2006), o amor continua sendo uma busca entre as pessoas e é valorizado como principal aspecto para que o casamento aconteça.

*“pra mim o importante é que tivesse amor.”(E5)*

Segundo Costa J (1998), o casamento parece estar interligado ao sentimento de amor, onde a prova máxima desse sentimento pelo outro se dá com o casamento.

*“sempre pensei que o principal do casamento, o que nunca poderia faltar era o amor.”(E1)*

*“eu pensava que o amor era o mais importante.”(E2)*

A imagem do amor aparece de várias formas para os entrevistados: como o amor idealizado, que é o amor visto como solucionador dos problemas, como se o sentimento amor, por si só fosse resolver todas as dificuldades enfrentadas pelo casal.

*“se existe amor não tem como dar errado.”(E3)*

Para Jablonski (1994), os casais colocam no amor todo o peso e responsabilidade da acertabilidade do casamento, tornando difícil um relacionamento como o casamento se ancorar em apenas um sentimento. O casal espera que o amor seja intenso, avassalador e irresistível, que possa vencer todas as barreiras; é um amor idealizado.



*“assim, se tem amor, as dificuldades vem, mais são vencidas, porque quando se ama tudo tem jeito”. (E2)*

*“se você tá com a outra pessoa e o sentimento é verdadeiro, se vence tudo que aparece.” (E4)*

Era também esperado pelos entrevistados a vivência do amor romântico, onde o amor traria em sua essência, toda uma intimidade não só de corpos, mas de almas. Onde mesmo um parceiro estando longe do outro se iria saber o que esta acontecendo com ele. Como se houvesse uma transmissão de pensamento, ou de sentimento.

*“eu tinha um pensamento sobre o amor, eu achava que quando me apaixonasse, que ia ser mágico, que a gente ia se entender mesmo sem falar nada, tipo assim, transmissão de pensamento sabe...” (E3).*

O amor romântico para Giddens (1992), carrega em si varias expectativas que aconteçam pelos casais apaixonados, que haja uma intimidade tal que proporcione uma comunicação psíquica.

*“sabe aquela coisa de olhar e saber o que o outro tá pensando? Pra mim estar amando era assim”.(E1)*

*“eu esperava, que mesmo quando a gente estivesse longe, ele sentisse de alguma forma, o que estava acontecendo comigo. Tipo mesmo de longe um sentir o outro.” (E2)*

O sentimento de amor interligado a eternidade, também esteve presente.

*“pra mim o amor que tínhamos iria durar pra sempre, por isso me casei, era tão intenso o que sentia, que parecia não ter fim”. (E3)*

O amor, como forma de vencer a solidão, cria a expectativa, onde espera-se que o encontro com a pessoa amada seja reparador a ponto de preencher todo vazio sentido pelo outro, que ele seja a completude que lhe falta. O individuo que até então estava partido se torna completo. O que é confirmado por Bauman (2004), o amor é tido para muitos, como algo que viria a ser a solução de todos os seus problemas e anseios.

*“se há amor, eu sempre vou ter ele do meu lado, pra compartilhar tudo.” (E1)*

*“pra mim quando se ama, nunca mais se esta só.”(E2)*

Nas relações amorosas, o individuo deseja fazer parte da vida do outro, cria sentimento de pertença, confiança, e desejo de estar sempre próximo (ANGERAMI, 2007).

*“eu pensava que o amor me traria tudo, ate mesmo nunca mais me sentir só.”(E5)*

O que é confirmado por Carter & McGoldrick (1995), Costa G (2007) dentre os motivos que levam ao casamento, além do amor, estão a busca por serem admiradas e atendidas em suas demandas, ter prestígio social, obter satisfação sexual, ter com quem compartilhar a vida fugindo da solidão.

Antes de se casar, muitas expectativas em relação ao casamento povoam o pensamento e o imaginário dos indivíduos. Muitas dessas expectativas são inalcançáveis, pois requer uma quase perfeição em torno do ser amado, que é idealizado como alguém que ira preencher todo vazio na vida do outro. O ideal de amor tão romantizado e poeticamente sonhado, difícil de ser concretizado com seus pares, tornando o casamento que ainda ira acontecer algo difícil de corresponder, gerando assim uma grande frustração em torno de todo esse projeto, que é o que veremos a seguir na próxima unidade temática que é a vivência da frustração da expectativa sobre o casamento.

### 4.3 UNIDADE TEMÁTICA 2: VIVÊNCIA DA FRUSTRAÇÃO DA EXPECTATIVA SOBRE O CASAMENTO

Quadro 2 - Vivência da frustração da expectativa sobre o casamento

(continua)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Vivência da frustração da expectativa sobre casamento	Amor como posse da liberdade do outro	<p><i>“tinha uma coisa que eu detestava nele, que era a todo momento ele exigir se eu gostasse dele de verdade deveria fazer tal coisa”(E2).</i></p> <p><i>“pra coisas irem bem, eu tinha que ceder, fazer do jeito dele, sempre vinha com a famosa frase, se você me amar de verdade, ira fazer o que eu estou falando”(E1).</i></p> <p><i>“eu fazia coisas, que eu nem gostava, ia pra lugares que não tinha nada haver comigo”(E5).</i></p> <p><i>só porque ela queria daquele jeito, tinha que ser do jeito dela e pronto”(E5).</i></p> <p><i>“Parecia um pesadelo, ao invés de sermos companheiros, ela me tratava como se eu fosse um objeto dela. uma coisa dela mesmo, sabe... queria que eu agisse conforme o que ela pensava. Eu tinha que fazer as coisas do jeito dela o tempo todo, e não do jeito que eu achava certo” (E4).</i></p>
	Presença de Conflito na relação	<p><i>“eu não concordava com as escolhas dele...não gostava do jeito que ele resolvia as coisas”(E1).</i></p> <p><i>“eu me senti enganada, ele não era nada do que dizia ser” (E2).</i></p> <p><i>“eu tentava ser eu mesma, mas ele me olhava de um jeito...reprovador sabe...jeito de quem não ta gostando, então eu parava de fazer o que estava fazendo e ficava na minha”(E3).</i></p> <p><i>“ eu queria que ele fizesse as coisas pra mim, por ele mesmo, não porque eu tava pedindo, queria que ele mudasse, mas sem eu ter que ficar falando na cabeça dele, tentando convencer ele de mudar. Queria que ele tivesse vontade de mudar por mim, por me amar. Mas não aconteceu, brigamos muito por isso”(E2).</i></p>
	Ausência de liberdade (aprisionamento do outro)	<p><i>“eu me sentia sufocado, não podia fazer nada sozinho”(E4).</i></p> <p><i>“eu pensei, que teríamos tempo para fazer algo juntos, mas que teria espaço para minhas coisa</i></p>

## Quadro 2 - Vivência da frustração da expectativa sobre o casamento

(continuação)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Vivência da frustração da expectativa sobre casamento.	Ausência de liberdade (aprisionamento do outro)	<p><i>também...eu não podia nem ficar sentada no quarto ouvindo as músicas que gosto que logo ele falava, ta pensando em quem ouvindo esse tipo de música” (E1).</i></p> <p>“não importava o que acontecesse eu nunca tinha razão em nada”(E2).</p>
	Frustração	<p>“assim ele falava muito eu te amo...eu te amo...mas nas verdade não amava não, porque atitude que era bom...nada...”(E2).</p> <p>“ele falava pra todo mundo que me amava, e dentro de casa me tratava mal, que amor é esse?”(E1)</p> <p>“é horrível você esperar viver uma coisa e viver outra. É simplesmente frustrante” (E5).</p> <p>“pra mim amor é cuidar da outra pessoa é se preocupar com ela, mas pra ele amor era eu fazer sempre as coisas do jeito que ele queria, eu não sei que tipo de amor é esse”(E2).</p>
	Solidão dentro do casamento	<p>“éramos duas pessoas sós vivendo na mesma casa”. “eu era colocado de lado, ela tinha a vida dela e eu tinha a minha, não era mais casamento, agente só estava ali, sob o mesmo teto” (E5).</p> <p>“me sentia só, não conseguia compartilhar com ele o que eu sentia e esperava da vida”(E1).</p> <p>“chegou ao ponto que eu não podia perguntar para onde ele estava indo...como assim....se é casada e não pode perguntar ao marido onde ele vai. Ele saía e eu ficava sozinha”(E1).</p> <p>“não sei explicar direito o que acontecia, eu era casada e sozinha, não dividíamos nada a não ser as contas”(E2.)</p>
	Angustia frente ao outro da relação	<p>“eu tinha uma necessidade de saber o que ele pensava de mim, mas ele não falava, não gostava muito de falar sobre seus sentimentos, mas me incomodava não saber o que ele pensava e sentia sobre mim”(E3).</p> <p>“eu não sei o que dava em mim, mas queria que ele falasse sabe, o que sentia de verdade por mim, queria saber o que ele pensava sobre mim de verdade”(E2).</p> <p>“agente não conversava muito, eu tentava adivinhar o que ela tava pensando, não sabia direito o que ela pensava sobre mim, isso era horrível”(E5).</p>

Quadro 2 - Vivência da frustração da expectativa sobre o casamento

(conclusão)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
	Ma-fé	<p>“não queria parar pra pensar no que estava acontecendo, não sabia o que fazer, na maioria das vezes fingia que não estava acontecendo nada”(E1).</p> <p>“meu casamento tava horroroso, mas eu ia levando buscava não pensar muito nisso, ocupava meu tempo com outras coisas”(E5).</p> <p>“eu tentava, fazer todas as vontades dela, mesmo o relacionamento estando ruim, quem sabe ia melhorar”(E4).</p> <p>“fiquei por vários anos arranjando desculpas para não divorciar sempre tinha algo que me obrigava a ficar”(E1).</p>

Fonte: Elaboração própria

A segunda unidade temática nos traz a vivência da frustração da expectativa sobre o casamento, e é subdividida nas seguintes unidades de significado: amor como posse da liberdade do outro, presença de conflito na relação, ausência de liberdade, frustração, solidão dentro do casamento, angustia frente ao outro da relação, Ma-fé.

Antes de se casar, cada um que compõe a relação amorosa viveu uma expectativa diferente em relação ao casamento. Mas a expectativa e a realidade vivenciadas pelos casais, ao longo do seu relacionamento, apresentam algumas diferenças.

O amor como posse da liberdade do outro. Segundo Sartre (2007), querer ser amado é querer colocar-se para além do sistema de valores do outro. Como se a pessoa começasse a exigir do outro, que este faça coisas em nome do amor, que muitas vezes está além dos seus valores. No amor tido como posse, um quer possuir, além do corpo do outro, seus sentimentos. O “eu te amo” torna-se objeto de posse e de necessidade de provar-se.

“Parecia um pesadelo, ao invés de sermos companheiros, ela me tratava como se eu fosse um objeto dela....uma coisa dela mesmo, sabe... queria que eu agisse conforme o que ela pensava. Eu tinha que fazer as coisas do jeito dela o tempo todo, e não do jeito que eu achava certo.” (E4)

*“tinha uma coisa que eu detestava nele, que era a todo o momento ele exigir que, se eu gostasse dele de verdade, deveria fazer tal coisa”(E2)*

*“pras coisas irem bem, eu tinha que ceder, fazer do jeito dele, sempre vinha com a famosa frase: se você me amar de verdade, ira fazer o que eu estou falando”.*(E1)

*“eu fazia coisas, que eu nem gostava, ia pra lugares que não tinha nada a ver comigo, só porque ela queria daquele jeito, tinha que ser do jeito dela e pronto”.*(E5)

Durante o casamento pode haver a presença de conflitos na relação. A relação do casal pode ser conflituosa, em que cada um não aceita as escolhas do outro, e não reconhece o direito a liberdade do outro ser quem ele é.

Segundo Sartre (2007), na essência das relações humanas existe o conflito, assim como nas relações conjugais, onde um quer interferir nas escolhas e na vida do outro e na sua liberdade de ser.

*“eu não concordava com as escolhas dele... não gostava do jeito que ele resolvia as coisas”* (E1).

Para Erthal (2013), o outro nunca se apresenta para mim por completo. Quando o individuo se casa, ele não se apresenta por completo ao outro e nem o outro a ele, tentamos nos transformar naquilo que queremos parecer para o outro.

*“eu me senti enganada, ele não era nada do que dizia ser”* (E2).

Erthal (2013) diz que, no casamento, um quer ser admirado e aceito pelo outro, mas o olhar do outro paralisa meu devir.

*“eu tentava ser eu mesma, mas ele me olhava de um jeito...reprovador sabe...jeito de quem não ta gostando, então eu parava de fazer o que estava fazendo e ficava na minha”* (E3).

O “amor deseja capturar a consciência”(SARTRE,2007,p.462). Nos relacionamentos, não se quer o outro aprisionado, sem que ele queira. Um quer o outro de forma consentida, voluntaria; um deseja estar aprisionado ao outro, pelo amor, que deseje através de sua liberdade, mudar sua vida pelo ser amado.

*“eu queria que ele fizesse as coisas pra mim, por ele mesmo, não porque eu tava pedindo, queria que ele mudasse, mas sem eu ter que ficar falando na cabeça dele, tentando convencer ele de mudar. Queria que ele tivesse vontade de mudar por mim, por me amar. Mas não aconteceu, brigamos muito por isso”*(E2).

Esperar pelo outro que não muda, e não corresponde as expectativas, é ação geradora de desentendimentos e brigas no casal.

O conflito é, justamente, quando cada um quer manter suas razões. Durante a relação, tanto é possível cativar o outro como se tornar cativo. O medo da liberdade pode representar o medo da solidão, de acordo com Fromm (1983), é como se o outro da relação se transformasse no lugar seguro, onde pudéssemos buscar tudo aquilo que nos falta, e, quando isso acontece, colocamos sobre o outro o peso de ser responsável por aquilo que nos completa. Sendo assim, se não sou completo, a culpa é do outro, que não está desempenhando o papel que lhe incumbi.

Dentre as dificuldades enfrentadas pelo casal, a ausência de liberdade parece ser uma delas. Para Erthal e Veríssimo (2015), o que pode dificultar a relação do casal é que cada um fica aprisionado a sua própria razão, sem levar em consideração a razão do outro. O maior desafio que podemos encontrar é permitir que o medo, atrapalhe as possibilidades que nos permite ter uma relação melhor. Ao fazer do outro cativo, o que se quer é que o outro seja um Ser-Para-Mim, fugindo da angustia e do medo de Ser. Mas se engana quem aprisiona o outro, acreditando que só este está aprisionado. Na verdade a prisão é para os dois da relação, pois ao manter o outro cativo me aprisiono também, na posição que estou.

*“eu me sentia sufocado, não podia fazer nada sozinho”(E4)*

*“eu pensei, que teríamos tempo para fazer algo juntos, mas que teria espaço para minhas coisas também...eu não podia nem ficar sentada no quarto ouvindo as músicas que gosto que logo ele falava, ta pensando em quem ouvindo esse tipo de música.”(E1)*

*“não importava o que acontecesse, eu nunca tinha razão em nada”(E2)*

Os casais experimentam a frustração quando o amor imaginado não corresponde ao amor vivenciado na relação. Durante o casamento, espera-se que as atitudes do cônjuge sejam de acordo com as palavras de amor declaradas, mas dentre os entrevistados essa não parece ser a realidade vivida.

*“assim, ele falava muito eu te amo...eu te amo...mas nas verdade não amava não, porque atitude que era bom...nada...”(E2)*

*“ele falava pra todo mundo que me amava, e dentro de casa me tratava mal, que amor é esse?”(E1)*

*“é horrível você esperar viver uma coisa e viver outra. É simplesmente frustrante”.* (E5).

Segundo Erthal e Veríssimo (2015), o amor precisa ser vivenciado com atitudes, para que haja qualidade na relação.

*“pra mim amor é cuidar da outra pessoa é se preocupar com ela, mas pra ele amor era eu fazer sempre as coisas do jeito que ele queria, eu não sei que tipo de amor é esse”*(E2).

Para Buber (1974) toda relação entre duas pessoas é exclusiva, não existe outra igual. Cada pessoa irá significar o que é amor a seu modo, a sua maneira, e, portanto, o amor tem significados diferentes para cada pessoa.

Embora dentre as expectativas dos entrevistados, estivesse a de encontrar no casamento e no amor, o fim da solidão, esta não foi a realidade experienciada. Muitos vivenciaram a solidão dentro do casamento, experimentando assim a frustração de sua expectativa. O casamento que deveria ser espaço de convivência a dois, e companheirismo, pode ser vivenciado de forma solitária, onde cada um vive no seu espaço individual, sem dividir a vida com o outro da relação.

*“éramos duas pessoas, só vivendo na mesma casa. Eu era colocado de lado, ela tinha a vida dela e eu tinha a minha, não era mais casamento, agente só estava ali, sob o mesmo teto”*(E5).

A solidão, foi afirmado por Erthal e Veríssimo (2015), também pode ser vivenciada, mesmo quando o indivíduo está dentro de uma relação amorosa. A relação de amor não é garantia de não se sentir mais só. Para que haja uma relação entre duas pessoas é necessário entrega e compromisso de ambas as partes.

*“me sentia só, não conseguia compartilhar com ele o que eu sentia e esperava da vida”.*(E1)

Segundo percebido no discurso dos participantes da pesquisa, estar com outra pessoa deveria ser sinônimo de não estar sozinho, mas a realidade vivenciada é de estar sozinho mesmo estando casado.



*“chegou ao ponto que eu não podia perguntar para onde ele estava indo...como assim....se é casada e não pode perguntar ao marido onde ele vai. Ele saía e eu ficava sozinha.”(E1)*

Segundo Buber (1974), para ser possível a relação de duas pessoas, é necessário que haja reciprocidade, um precisa incluir o outro na relação. Mas muitas vezes não é o que acontece. Conforme relato:

*“não sei explicar direito o que acontecia, eu era casada e sozinha, não dividíamos nada a não ser as contas”.(E2)*

Durante o casamento, o amor não parece ser o único sentimento experimentado, a angustia frente ao outro da relação também se mostra presente. Com o passar da relação, dúvidas começam a aparecer em relação aos sentimentos do outro, não saber o que o outro pensa causa sofrimento.

*“eu tinha uma necessidade de saber o que ele pensava de mim, mas ele não falava, não gostava muito de falar sobre seus sentimentos, mas me incomodava não saber o que ele pensava e sentia sobre mim”(E3).*

Segundo Sartre (2007), o processo de amar e ser amado envolve conflitos, porque sempre existe a liberdade do outro, que me classifica dentro do seu universo de valores, e formas de significar o mundo. Por isso, nas relações, busca-se submeter o outro a si, existe uma angustia por não saber como o outro o classifica, não saber o que ele é para o ser amado.

*“eu não sei o que dava em mim, mas queria que ele falasse sabe, o que sentia de verdade por mim, queria saber o que ele pensava sobre mim de verdade.”(E2)*

*“a gente não conversava muito, eu tentava adivinhar o que ela tava pensando, não sabia direito o que ela pensava sobre mim, isso era horrível”(E5).*

A vivência da frustração das expectativas em relação ao casamento, também pode ser experimentada através da má-fé, que acontece quando, durante o relacionamento, o indivíduo quer se transformar em outra coisa de forma nem sempre intencional, para fugir de sua liberdade de tomar decisões. Ele representa o papel que acredita ser-para-o-outro. Pessoas que vivem passivamente, atribuindo significados superficiais a própria vida, agindo de forma mecânica, como forma de fugir do enfrentamento da vida real. O que iria exigir tomada de decisões, faz com

que às vezes a pessoa fique em um casamento ruim, para não ter que enfrentar a realidade. Esse comportamento é a própria má-fé. É de si mesmo que o indivíduo esconde a verdade (ERTHAL, 2013).

*“não queria parar pra pensar no que estava acontecendo, não sabia o que fazer, na maioria das vezes fingia que não estava acontecendo nada”.*(E1)

*“meu casamento tava horroroso, mas eu ia levando buscava não pensar muito nisso, ocupava meu tempo com outras coisas.”*(E5)

*“eu tentava, fazer todas as vontades dela, mesmo o relacionamento estando ruim, quem sabe ia melhorar”.* (E4)

Desta forma, a má-fé é a tentativa de fugir da angustia da escolha e da responsabilidade que ela traz consigo. Ao fingir que não se é livre, se exime da responsabilidade de decidir. O indivíduo tenta se convencer que as atitudes até então tomadas, tem a ver com sua personalidade, contexto, ele busca qualquer outra coisa fora de si. “Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia” (SARTRE, 2007, p.88).

*“fiquei por vários anos, arranjando desculpas para não divorciar, sempre tinha algo que me obrigava a ficar naquela situação”* (E1).

Para Sartre (2007), continuar em um relacionamento que o indivíduo não valoriza mais, tentando buscar justificativas para não ter que decidir, é explicado pela má-fé, onde o indivíduo finge escolher, em uma tentativa de fugir da angustia, mas se depara com ela a cada instante, e fugir só torna a angustia mais presente.

Quanto mais de espera de algo, mais frustrante será presenciar sua não concretização. As pessoas começam o casamento na expectativa da realização do que foi projetado, e quando a realidade não corresponde com o que foi idealizado, começam os conflitos na relação, a falta de interesse pela vida do outro, onde cada um começa a presenciar a solidão e a angustia. Comportamentos desesperados para tentar fugir daquilo que não se quer ver, o fim do casamento. Diante da frustração de suas expectativas os casais percebem a separação como a melhor saída para resolução de seus problemas. Mas esta também não é sem sofrimento, nos trazendo para o tema da próxima unidade temática “sentimentos após a separação”.

## 4.4 UNIDADE DE TEMÁTICA 3: SENTIMENTOS APÓS A SEPARAÇÃO

Quadro 3 - sentimentos após a separação

(continua)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Sentimentos após a separação	Traídos pelo amor (a busca pelo culpado)	<p>“no início eu achava que a culpa tinha sido minha, que eu não tinha me esforçado o suficiente”(E2).</p> <p>“tinha horas que eu sentia que o culpado tinha sido eu, em outras sentia que era ele, queria achar uma resposta” (E1).</p> <p>“fiquei por muito tempo me sentindo culpado, eu devia ter feito mesmo tudo errado” (E4).</p>
	Tédio existencial	<p><i>“a minha vida tava passando, olhava pra trás e via o tempo que havia perdido naquela relação fracassada, minha vida tava passando e eu estava no mesmo lugar, nada mudava”(E1).</i></p> <p><i>“via o tempo passando, era lento, se arrastava, eu parecia parado no tempo e no espaço. Minha vida parecia não andar pra lugar nenhum, não fazia planos de mais nada”(E5).</i></p> <p><i>“era como se eu tivesse sentado, vendo minha vida passar. Era triste, ver que meu plano de construir uma família tinha fracassado”(E4).</i></p>
	Expectativa correspondida não	<p><i>“o que eu tinha esperado, não aconteceu, minha vida ficou pior do que era antes, ele não me entendia, e eu não me sentia feliz naquela vida que levava. Achei melhor acabar com tudo”(E3).</i></p> <p><i>“achei melhor cada um ir pro eu lado, se não é pra ser feliz, pra que ficar junto...o que eu esperava que ia acontecer, não acontecia mesmo, melhor separar”(E2).</i></p> <p><i>“o que eu esperava do casamento não aconteceu, se era pra ficar sozinho, amor não existia, pra que ficar junto”(E5).</i></p>
	Angustia e medo frente a separação	<p><i>“eu sentia medo diante, da escolha que tinha que fazer, e se não desse certo, e se não fosse a escolha certa”(E2).</i></p> <p><i>“o medo me paralisava, não sabia o que fazer, me dava um nó na garganta, um aperto no peito, me sentia sufocada diante da escolha se me separar”(E1).</i></p> <p><i>“embora eu soubesse que me separar era inevitável, me dava um medo, um aperto no peito, só de pensar ...e se as coisa piorassem ou invés de melhorar”(E5).</i></p>

## Quadro 3 - sentimentos após a separação

(conclusão)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Sentimentos após a separação	Ansiedade	<p><i>“ai, comecei a pensar na minha vida, tava chata, cansativa, ruim mesmo, e o pior não sabia o que fazer, não sabia que rumo tomar, tava ficando louca, não conseguia dormir direito, comer, fazer qualquer coisa”(E1).</i></p> <p><i>”. “me sentia ansiosa, por não saber o que pensar ou fazer, e justamente por não saber me deixava mais ansiosa ainda, me sentia obrigada a decidir algo”(E2).</i></p> <p><i>“ansiedade é a pior coisa que tem, ficava pensando no que tinha acontecido, e nas coisas que tinha que resolver, mas me sentia indeciso, no que seria melhor fazer”(E4).</i></p>
	Falta de sentido	<p><i>“o casamento dava sentido a minha vida sabe....pra mim foi estranho não estar casada mais...”(E1).</i></p> <p><i>“fiquei mal...mal mesmo...nada tinha sentido mais pra mim...cheguei ate a pensar, viver pra que se eu morrer quem vai sentir falta”(E5).</i></p> <p><i>“foi super estranho, após a separação. A vida parecia estranha, diferente, eu não me encaixava em nada mais, as coisas pareciam não ter sentido”(E4).</i></p>
	Solidão	<p><i>“depois que me separei era horrível chegar em casa e não ter ninguém me esperando, sensação horrível de estar sozinho”(E5).</i></p>

Fonte : Elaboração própria

A terceira unidade temática, “sentimentos após a separação” foi subdividida nas seguintes unidades de significado: traídos pelo amor a busca pelo culpado, tédio existencial, expectativa não correspondida = separação, angustia e medo frente a separação, ansiedade, falta de sentido, solidão, depressão.

Como foi visto anteriormente, antes de se casar, os indivíduos criam expectativas em relação ao amor, onde este se torna o principal componente para que o casamento aconteça. E é esperado que esse amor seja avassalador, e forte suficiente para sustentar a relação.

Após a separação, os indivíduos se sentem traídos pelo amor e procuram um culpado pelo fim do relacionamento. Para Jablonski (1994), quando o amor acaba,

os casais enfrentam um sentimento de decepção, de terem sido traídos por tal sentimento, que não cumpriu o que prometia: a felicidade eterna. Os casais nesta fase tendem a procurar um culpado, culpam ao outro ou a si mesmos, mas não se lembram do modelo imposto pela sociedade que não corresponde a realidade.

*“no inicio eu achava que a culpa tinha sido minha, que eu não tinha me esforçado o suficiente” (E2).*

*“tinha horas que eu sentia que o culpado tinha sido eu, em outras sentia que era ele, queria achar uma resposta” (E1).*

Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar (COSTA, J., 1998, p.34).

Existe uma confusão emocional, que é sentida por quem passa pela separação. Segundo Caridade (1997), é como se a pessoa estivesse perdida, sem saber o que sentir em relação aos acontecimentos e ao ser amado. O sofrimento faz com que um não enxergue o outro como ele verdadeiramente é. O parceiro que foi deixado esforça-se para ter o outro, que já não está mais na relação, seu esforço é em vão, ele se martiriza, e se culpa pelo fim do relacionamento, e passa grande parte do seu tempo tentando encontrar onde está o erro que levou a relação ao fim.

*“fiquei por muito tempo me sentindo culpado, eu devia ter feito mesmo tudo errado” (E4).*

Após a separação, os entrevistados passaram por essa fase de procura de um culpado pelo fim da relação. Tiveram momentos de culparem a si mesmos, achando que seus esforços não foram suficientes. E em outros momentos culparam ao outro, buscando nele motivos e situações que justificassem o fim da relação. Em muitos momentos se sentiram confusos em meio aos seus sentimentos, que hora se voltavam para si e hora se voltavam para o ex-cônjuge. E em meio a essa confusão emocional, começaram a ver sua vida passar diante dos olhos.

*“a minha vida tava passando, olhava pra trás e via o tempo que havia perdido naquela relação fracassada, minha vida tava passando e eu estava no mesmo lugar, nada mudava”(E1).*

De acordo com Angerami (2007), o tédio existencial traz grande sofrimento a existência das pessoas, ele se apresenta quando o indivíduo vê sua vida passar sem realizar seu projeto.

*“via o tempo passando, era lento, se arrastava eu parecia parado no tempo e no espaço. Minha vida parecia não andar pra lugar nenhum, não fazia planos de mais nada.”* (E5)

*“era como se eu tivesse sentado, vendo minha vida passar. Era triste, ver que meu plano de construir uma família tinha fracassado”* (E4).

Após a separação é comum se pensar nas expectativas não correspondidas, que levaram à separação.

*“o que eu tinha esperado, não aconteceu, minha vida ficou pior do que era antes, ele não me entendia, e eu não me sentia feliz naquela vida que levava. Achei melhor acabar com tudo”* (E3).

O rompimento conjugal muitas vezes se dá ao fato da não tolerância, do casamento não corresponder as suas expectativas, quanto a felicidade eterna, compreensão, companheirismo e o amor avassalador (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

*“achei melhor cada um ir pro eu lado, se não é pra ser feliz, pra que ficar junto, o que eu esperava que ia acontecer, não acontecia mesmo, melhor separar.”* (E2)

*“o que eu esperava do casamento não aconteceu, se era pra ficar sozinho, amor não existia, pra que ficar junto”* (E5).

Mas a separação não acontece sem angústia e medo frente ao desconhecido. O não saber se com esta decisão irão alcançar o que planejam é gerador de angústia. Sartre (1991), falou sobre essa angústia, afirmando que o indivíduo sente angústia porque não conhece as consequências da escolha, se ela o levava onde realmente quer chegar. Essa angústia pode ser experimentada por indivíduos que se separaram por não saberem se com essa escolha irão alcançar o que desejam.

*“eu sentia medo diante, da escolha que tinha que fazer, e se não desse certo, e se não fosse a escolha certa”.*(E2)

*“o medo me paralisava, não sabia o que fazer me dava um nó na garganta, um aperto no peito, me sentia sufocada diante da escolha se me separar.”*(E1)

*“embora eu soubesse que me separar era inevitável, me dava um medo, um aperto no peito, só de pensar...e se as coisas piorassem ao invés de melhorar.”(E5)*

Toda essa angustia frente ao desconhecido de se separar, também foi geradora de ansiedade para os entrevistados. Com a separação o indivíduo, pode se sentir perdido, sem saber o que fazer. Ele se confronta com a sua própria vida e os acontecimentos que a permeiam, e como resultado desse confronto pode surgir a ansiedade, que pode ser administrada de forma diferente por cada pessoa (TEIXEIRA, 2006).

*“ai, comecei a pensar na minha vida, tava chata, cansativa, ruim mesmo, e o pior não sabia o que fazer, não sabia que rumo tomar, tava ficando louca, não conseguia dormir direito, comer, fazer qualquer coisa”.(E1)*

*“me sentia ansiosa, por não saber o que pensar ou fazer, e justamente por não saber me deixava mais ansiosa ainda, me sentia obrigada a decidir algo.”(E2)*

*“ansiedade é a pior coisa que tem, ficava pensando no que tinha acontecido, e nas coisas que tinha que resolver, mas me sentia indeciso, no que seria melhor fazer.”(E4)*

A tarefa de buscar um novo sentido para a vida não é fácil. O indivíduo busca através de realizações significativas, dar sentido a vida e a sua existência (ANGERAMI, 2007). As pessoas quando se casam, parecem ter a sensação de ter dado sentido a sua vida, com a separação esse sentido se perde.

*“o casamento dava sentido a minha vida sabe.... pra mim foi estranho não estar casada mais...”(E1)*

*“fiquei mal... mal mesmo... nada tinha sentido mais pra mim... cheguei ate a pensar, viver pra que, se eu morrer, quem vai sentir falta.”(E5)*

*“foi super estranho, após a separação. A vida parecia estranha, diferente, eu não me encaixava em nada mais, as coisas pareciam não ter sentido.”(E3)*

Após a separação existe todo um processo complicado, pelo qual os separados precisam enfrentar toda frustração de suas expectativas, angustia e medo do que esta por vir, pensamentos que insistem em continuar no outro, tudo parece sem sentido. De acordo com Buber (1974), para muitos o amor é o que dá sentido a vida, da cor a própria existência, e quando não se faz presente causa desalento.

Sem a presença do outro, a depressão pode ser vivenciada, a vida perde a razão. De acordo com Caridade (1997), o sofrimento deixado pelo rompimento amoroso, e a rejeição, leva a pessoa a se diminuir, e pode leva-lo a uma depressão e desconfiança sobre novos relacionamentos. A vida parece não encontrar razões de ser, sem a presença e o amor do outro. Aquele que ainda esta envolvido sentimentalmente, se sente humilhado frente a constatação, de não ter conseguido enlouquecer o outro de amor.

*“eu só queria dormir, não tinha vontade de me levantar, de fazer nada.” (E3)*

*“eu não tinha fome, vontade de falar, ou sair de casa, eu só dormia, na maior parte do tempo.” (E2)*

*“eu me arrastava, só saia de casa pra trabalhar, mas nada tinha graça, me sentia com uma tristeza que não acabava.” (E5)*

A existência envolve ter consciência, consciência da solidão, faz com que o individuo viva a experiência de isolamento, muitas vezes vivenciado no período de separação. A consciência da falta de sentido, o individuo se sente sem coragem para continuar (TEIXEIRA, 2006).

*“depois que me separei era horrível chegar em casa e não ter ninguém me esperando, sensação horrível de estar sozinho.”(E5)*

*“me sentia sozinho, sem amigos, não me encaixava em nada e não tinha também vontade de me encaixar, passei um período assim”(E4)*

*“me sentia sozinha, não queria falar com ninguém. Na verdade minha vontade era de sumir, ficar sem ver ninguém”,(E3)*

O homem se sente só por diversos motivos, dentre eles, quando percebe que depende dele mesmo a realização de seus objetivos (ANGERAMI, 2007).

Passar pelo processo de separação não é algo fácil. Deixar para trás tudo que se planejou é dilacerante. E uma parte de si que ficou para trás, começa-se a experimentar um sentimento de fracasso, de perda de tempo com algo que não deu certo. Vários sentimentos povoam cada um que compõe a relação, se sentir culpado ou culpar o outro pode acontecer. Após algum tempo essa culpabilização passa a não fazer mais sentido, afinal o casamento já acabou. Mas embora a relação já



tenha acabado fica a dor, “a dor da perda amorosa”, que é nossa próxima unidade temática.

#### 4.5 UNIDADE DE TEMÁTICA 4: A DOR DA PERDA AMOROSA

##### Quadro 4 - A dor da perda amorosa

(continua)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
A dor da perda amorosa	Sentimento de incompletude sem o outro	<p><i>“Muita tristeza, chorei muito, eu chorava só de pensar na separação, fiquei triste por um tempo, não queria falar com ninguém sobre o assunto , mas mesmo tendo, as pessoas perto de mim, sentia um vazio estranho, me sentia sozinha”(E3).</i></p> <p><i>“Não me sentia completo, faltava algo, sentia um vazio” (E5).</i></p> <p><i>“é doído, ver alguém que fazia parte de você partir” (E1).</i></p>
	Separação como dilaceração	<p><i>“Era como se falta-se um pedaço de mim, um lado do meu corpo doía, como se tivesse mesmo algo sido arrancado daquele lugar. Não contei pra ninguém, acho que não acreditariam, iriam achar que era exagero, frescura, essas coisas. Mas a verdade é que meu corpo doía” (E3).</i></p> <p><i>“eu sabia que tudo tinha acabado, me sentia despedaçado, meu corpo parecia fraco, sem vontade de sair do lugar”(E5);</i></p> <p><i>“ era como se me falta-se algo, uma parte de mim foi tirada” (E1).</i></p>
	Luto pela perda	<p><i>“É muito difícil matar alguém dentro da gente, eu sabia que não tinha volta. Mas era muito duro aceitar essa realidade”(E5).</i></p> <p><i>“era muito dolorido pensar que o sentimento que ele tinha por mim, havia morrido, acabado, triste demais”(E1).</i></p> <p><i>“Os dias ficaram cinzas, nublados, como naqueles dias em que morre alguém que conhecemos....não é assim? Agente olha e parece que ta tudo triste, é bem assim que me sentia, num velório que não tinha fim. Tudo pra mim parecia sem graça”(E3).</i></p> <p><i>“me esforcei muito pra tirar ele de dentro de mim, é difícil matar toda uma historia, é dolorido demais ter que esquecer...”(E1).</i></p> <p><i>“pra mim parecia uma sentença de morte que se aproximava nada que eu fazia parecia mudar o que estava pra acontecer....a separação”(E1).</i></p>

## Quadro 4 - A dor da perda amorosa

(conclusão)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
A dor da perda amorosa	Dor psíquica	<p>“só conseguia pensar, no que havia perdido, era difícil aceitar que tudo havia acabado, eu só pensava nele, não tinha mais forças”(E2).</p> <p>“ficava passando pela minha cabeça, tudo que tínhamos vivido juntos. Mas esses pensamentos me sugavam, me enfraqueciam, tiravam minha vontade de viver”(E5).</p> <p><i>“eu passava dias ali sentado, não tinha forças para fazer nada, tudo que fazia era pensar nela” (E5).</i></p> <p><i>“me sentia esgotada, só de pensar nele, em tudo que passamos juntos, não conseguia pensar em outra coisa”(E1).</i></p> <p><i>“por mais que eu tentasse, ele estava ali na minha cabeça, parecia um filme que não parava de pensar, eu acordava e dormia pensando nele”(E2).</i></p>
	Dor física	<p>“me sentia mal, fisicamente, tinha dores no peito, um aperto na garganta, não conseguia comer nada, não descia”(E1).</p> <p>“Eu sentia dor, muita dor, eu amava ele, era difícil esquecer” (E2).</p> <p><i>“me dava um medo, um aperto no peito, só de pensar...(E5).</i></p>
	A busca pelo alívio da dor	<p><i>“falei pra mim mesma, não tenho tempo pra isso, de ficar pensando nessa história, tenho que trabalhar fazer minhas coisas, e assim fui levando a vida”(E1).</i></p> <p>“busquei de todas as formas, preencher meu dia, assim não tinha tempo pra pensar, nem sofrer pelo que tinha acontecido”(E1).</p> <p><i>“comecei a ocupar meu tempo, ficar com a cabeça ocupada, conversar assuntos diferentes”(E5).</i></p>

Fonte: Elaboração própria

A quarta unidade temática aborda sobre a dor da perda amorosa, é subdividida nas unidades de significado: sentimento de incompletude sem o outro, separação como dilaceração, luto pela perda, dor psíquica, dor física, busca pelo alívio da dor.

Perder quem se ama envolve uma dor, como o sentimento de incompletude sem o outro, que são vivenciados com a separação. Para Zinker (2001) dependendo do

momento da vida em que o indivíduo está, o amor terá um significado, mas a experiência de se apaixonar requer uma fusão com o ser amado, que se constitui em um enigma. Pois acredita-se que sem o outro da relação não se é inteiro, falta-lhe algo, não se é completo em si mesmo.

“Muita tristeza, chorei muito, eu chorava só de pensar na separação, fiquei triste por um tempo, não queria falar com ninguém sobre o assunto, mas mesmo tendo, as pessoas perto de mim, sentia um vazio estranho, me sentia sozinha.”(E3)

“Não me sentia completo, faltava algo, sentia um vazio” (E5)

“é doído, ver alguém que fazia parte de você partir” (E1).

O sentimento de incompletude sem o outro envolve um vazio, uma falta. A separação como dilaceração é quando a quebra da relação amorosa provoca uma dor equivalente a algo que lhe foi arrancado. De acordo com Caruso (1988, p.13)

“Não por acaso, em todos os mitos religiosos, o estado idealizado de dor ‘absoluta’ após a morte física do pecador é equiparado à separação absoluta do objeto amoroso”. Para os apaixonados, enlaçados pelo amor, a separação é sentida como uma dilaceração, algo lhe foi tirado, arrancado de si.

“Era como se falta-se um pedaço de mim, um lado do meu corpo doía, como se tivesse mesmo algo sido arrancado daquele lugar. Não contei pra ninguém, acho que não acreditariam, iriam achar que era exagero, frescura, essas coisas. Mas a verdade é que meu corpo doía” (E3).

*“eu sabia que tudo tinha acabado, me sentia despedaçado, meu corpo parecia fraco, sem vontade de sair do lugar”(E5).*

*“ era como se me falta-se algo, uma parte de mim foi tirada.”(E1).*

A separação também pode ser vivenciada como um luto, onde os laços afetivos criados pelo casal se rompem (KOVÁCS, 1992). Na separação a morte é para ambos: “o outro morre em vida, mas morre dentro de mim, e eu também morro na consciência do outro” (CARUSO, 1989, p. 20).

“É muito difícil matar alguém dentro da gente, eu sabia que não tinha volta. Mas era muito duro aceitar essa realidade.” (E5)

“era muito dolorido pensar que o sentimento que ele tinha por mim, havia morrido... acabado... triste demais.”(E1)

Neste luto pela perda, é desprendido um esforço enorme para tirar o outro do seu imaginário, não ter mais que pensar na outra pessoa. De acordo com Cavanellas (2001), a experiência de estar sem o outro, faz com que o outro se descubra só, ele vivencia o sentimento de solidão e abandono.

“me esforcei muito pra tirar ele de dentro de mim, é difícil matar toda uma história, é dolorido demais ter que esquecer...”(E1)

Para Schettini (2000, p.33), “a perda talvez seja a ameaça mais angustiante enfrentada pelo ser humano”. Segundo Kovács (1992,p.150), a perda é como morte estando consciente:

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nessa representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é 'perdida' e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é uma parte internalizada nas memórias e nas lembranças, na situação do luto elaborado. A morte como perda evoca sentimentos fortes, pode ser chamada de 'morte sentimento' e é vivida por todos nós. É impossível encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda. Ela é vivenciada conscientemente, por isso muitas vezes, mais temida do que a própria morte. Como esta última não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica.

*“Os dias ficaram cinzas, nublados, como naqueles dias em que morre alguém que conhecemos....não é assim? Agente olha e parece que ta tudo triste, é bem assim que me sentia, num velório que não tinha fim. Tudo pra mim parecia sem graça.(E3)”*

“pra mim parecia uma sentença de morte que se aproximava nada que eu fazia parecia mudar o que estava pra acontecer....a separação”(E1).

Essa dor sentida pela ruptura do relacionamento é a dor psíquica, que é a dor sentida com a ruptura do laço amoroso, “quando a causa se situa mais-além do corpo, no espaço imaterial de um poderoso laço de amor, a dor é chamada psíquica” (NASIO, 1997, p.25). Enfrentar a perda é algo difícil, esquecer o outro com quem se compartilhou planos e sentimentos, leva a um esgotamento. A pessoa que sofre entrega seus pensamentos a imagem do ser amado, ocupando seu tempo, esgotando-se em pensar no que foi perdido, “o esgotamento de um eu inteiramente ocupado em amar desesperadamente a imagem do amado perdido” (NASIO,1997, p. 29).

*"eu passava dias ali sentado, não tinha forças para fazer nada, tudo que fazia era pensar nela". (E5)*

*"por mais que eu tentasse, ele estava ali na minha cabeça, parecia um filme que não parava de pensar, eu acordava e dormia pensando nele."(E2)*

"me sentia esgotada, só de pensar nele, em tudo que passamos juntos, não conseguia pensar em outra coisa".(E1)

O esgotamento em passar dias pensando no outro que se perdeu, trouxe grande sofrimento aos entrevistados.

"só conseguia pensar, no que havia perdido, era difícil aceitar que tudo havia acabado, eu só pensava nele, não tinha mais forças."(E2)

"ficava passando pela minha cabeça, tudo que tínhamos vivido juntos. Mas esses pensamentos me sugavam, me enfraqueciam, tiravam minha vontade de viver"(E5).

Esta dor também pode ser fisicamente sentida. Segundo Maldonado (1995), a separação envolve estados emocionais e psíquicos. A dor da separação é fisicamente sentida, sintomas como dores no peito, sensação de peso, sufocamento e falta de ar, são relatados.

"me sentia mal, fisicamente, tinha dores no peito, um aperto na garganta, não conseguia comer nada, não descia".(E1)

"Eu sentia dor, muita dor, eu amava ele, era difícil esquecer" (E2).

*"me dava um medo, um aperto no peito, só de pensar..."(E5).*

Frente a dor sentida pela separação, as pessoas buscam alívio para a dor. Para Perls, Hefferline e Goodman (1997), a dor vivenciada com a separação é uma reação chamada de "ajustamento criativo"(p.60), o organismo se ajusta, busca meios para satisfazer suas necessidades.No momento da dor, esta é a maneira encontrada para interagir com o mundo se ajustando da melhor maneira possível a fim de aliviar o sofrimento.

"busquei de todas as formas, preencher meu dia,assim não tinha tempo pra pensar, nem sofrer pelo que tinha acontecido"(E1).

*“comecei a ocupar meu tempo, ficar com a cabeça ocupada, conversar assuntos diferentes”(E5)*

*“falei pra mim mesma, não tenho tempo pra isso, de ficar pensando nessa historia, tenho que trabalhar fazer minhas coisas, e assim fui levando a vida”(E1).*

O amor vivido por alguns, de forma até mesmo romântica, os fazia acreditar que o amor os traria tudo, segurança emocional, companheirismo, felicidade. Vivenciar toda frustração deste projeto e o fim do casamento causa uma dor inenarrável, difícil de transpor. A pessoa se sente incompleta sem o outro, algo lhe falta, e saber que não poderá preencher esse vazio, porque o outro não esta mais lá, é penoso, é comparado a um luto. É como vivenciar a morte em vida, tamanha é a dor sentida. Mas vencido esse processo de perda e dor, as pessoas começam a ressignificar o que aconteceu em suas vidas, começam a se relacionar novamente, buscar outros pares, fazer novos planos em relação a sua vida sentimental, que é nossa próxima unidade temática, “o recomeçar: sentimentos e expectativas ressignificados”.

#### 4.6 UNIDADE DE TEMÁTICA 5: RECOMEÇAR SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS RESSIGNIFICADOS

##### Quadro 5 - recomeçar sentimentos e expectativas ressignificados

(continua)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Recomeçar: sentimentos e expectativas ressignificados	Amor como possibilidade	<p>“hoje penso no amor como algo que pode acontecer,”(tE4).</p> <p>“as pessoas se encontram, e amor pode acontecer”(E2).</p> <p>“vejo o amor de uma forma mais madura menos infantil. Hoje penso que o relacionamento é composto de varias partes e o amor é uma delas.[...]agora penso no amor, não mais com aquele pensamento romântico...como se amor pudesse me trazer tudo que preciso. Vejo o amor como algo bom que pode acontecer, mas com os pés no chão.”(E1).</p>
	repensando o ideal de casamento	<p>“para me casar de novo, tive que olhar o casamento com outros olhos de forma diferente que olhava antes. É como construir uma casa nova tem que ser sobre novos alicerces e não sobre os alicerces velhos”(E1).</p> <p><i>“Precisei resignificar pra mim o que era casamento. Tive que vencer a ideia de ate que a morte os separe, porque se continuasse com esse pensamento, mesmo separada não iria ficar com mais ninguém”(E3).</i></p> <p><i>“casamento pra mim hoje, é construção, é você que constrói seu relacionamento. Não cai do céu não, se você e a outra pessoa, se cada um não fizer sua parte, a convivência se torna impossível, porque ninguém quer abrir mão de nada”(E5).</i></p> <p><i>“repensei muito sobre casamento, fiz uma reviravolta na minha cabeça”(E2).</i></p>
	Individualidade e conjugalidade	<p>“é preciso ter espaço, pra fazer coisas juntos e separados”(E4).</p> <p>“mesmo sendo casal, não gostamos de tudo igual”. (E5).</p> <p><i>“precisei aprender que existe momentos a dois e momentos que são só nossos, de fazer as nossas coisas. Aprendi a respeitar o meu espaço e o espaço dele. Assim ninguém sufoca ninguém”(E3).</i></p>

## Quadro 5 - recomeçar sentimentos e expectativas ressignificados

(conclusão)

TEMA	UNIDADE DE SIGNIFICADO	UNIDADE DE EXPRESSÃO
Recomeçar sentimentos e expectativas ressignificados	Novo olhar sobre a separação	<p>“comecei a perceber que havia superado a separação, quando comecei a olhar pra mim, pra minha vida e principalmente por perceber que foi melhor eu ter me separado, aquela relação era adoecedora”(E1).</p> <p>“com o tempo percebi que me separar, foi o melhor que me poderia ter me acontecido, pude dar um rumo mais feliz pra minha vida”(E5).</p> <p>“no fundo foi bom ter me separado, pude repensar minha vida, e recomeçar de uma maneira melhor”(E2).</p>
	Responsabilidade sobre as escolhas	<p>“não procuro mais um culpado, pelo que houve, cada um tem sua cota de responsabilidades”(E5).</p> <p>“penso muito antes de decidir sobre a minha vida, porque sei que eu terei que arcar com as consequências delas” (E1).</p> <p>“hoje não deixo ninguém decidir por mim, e nem quero me transformar em outra pessoa. Faço aquilo que naquele momento parece ser melhor pra mim”(E2).</p>
	Recasamento: vencendo o medo do desconhecido	<p><i>“eu me casei de novo, queria recomeçar minha vida, mas não foi fácil não, tive medo de escolher errado de novo, mas queria me dar uma nova chance,”(E1).</i></p> <p><i>“no principio tive medo, será que to escolhendo certo.”(E5).</i></p> <p><i>“nunca gostei de ser sozinho, decidi recomeçar, me casei de novo, mas sob novos parâmetros, estou buscando não errar, no que errei antes...não cometer os mesmos erros”(E5).</i></p>

Fonte: Elaboração própria

A quinta unidade temática é sobre o recomeçar: sentimentos e expectativas ressignificados, e foi subdivida nas seguintes unidades de significado: amor como possibilidade, repensando o ideal de casamento, Individualidade e conjugalidade, novo olhar sobre a separação, responsabilidade sobre as escolhas, recasamento: vencendo o medo do desconhecido.

As pessoas envolvidas na separação começam a repensar sobre sua vida, sobre os vários aspectos que a envolvem. Pensam em recomeçar sobre novos parâmetros,



novas bases, a fim de obterem sucesso em seus planejamentos. Como o amor que agora é visto pelos entrevistados como uma possibilidade, como algo possível de acontecer e não como única meta a ser alcançada.

“hoje penso no amor como algo que pode acontecer”.(E4)

“as pessoas se encontram, e amor pode acontecer.”(E2)

“Enquanto estivermos convencidos de que o ideal romântico de amor representa o apogeu da relação amorosa, não teremos razões para abandonar um modo de vida sentimental por outro” (COSTA, J.,1998, p.34).Repensar sobre o ideal de amor, sobre o que se espera dele, abre caminhos para viver novas experiências, e possibilidades de novos relacionamentos.

*“vejo o amor de uma forma mais madura menos infantil. Hoje penso que o relacionamento é composto de varias partes e o amor é uma delas.[...]agora penso no amor, não mais com aquele pensamento romântico...como se amor pudesse me trazer tudo que preciso. Vejo o amor como algo bom que pode acontecer, mas com os pés no chão.”(E1).*

O amor é um desejo e busca do ser humano, segundo Cardella (1994), o amor é um estado de ser, que lhe permite enxergar o outro como único, e como semelhante seu na condição de ser humano.

Superada a separação, os entrevistados começaram a repensar sobre o ideal que tinham de casamento, sobre suas expectativas, as frustrações vividas, e os passos dados até então para recomeçar. Os entrevistados demonstraram ter sido necessário este repensar até mesmo para conseguirem começar a se relacionar amorosamente de novo, agora sobre novos alicerces.

De acordo com Goldenberg(1991, 2004), o casal planeja que a relação conjugal seja permeada de companheirismo e cumplicidade, e que seja de forma igualitária. Não mais apenas um fazendo o possível para o casamento dar certo, mas ambos construindo uma relação prazerosa.

*“casamento pra mim hoje, é construção, é você que constrói seu relacionamento. Não cai do céu não, se você e a outra pessoa, se cada um não fizer sua parte, a convivência se torna impossível, porque ninguém quer abrir mão de nada.”(E5)*

Para Bernstein (2002), para que haja o segundo casamento é necessário que se desconstrua o primeiro. Isso faz com que os envolvidos no processo, repensem o ideal de casamento.

“para me casar de novo, tive que olhar o casamento com outros olhos de forma diferente que olhava antes. É como construir uma casa nova, tem que ser sobre novos alicerces e não sobre os alicerces velhos”.(E1)

De acordo com Bueno & Prado (1989), existe uma diferença entre homens e mulheres, quanto às expectativas a respeito da relação amorosa, mas que essas diferenças são necessárias, pois se complementam e contribuem para a formação do par. Entender que homens e mulheres buscam aspectos, diferentes no casamento, contribuiu para que os entrevistados, percebessem o casamento com outra perspectiva.

*Mesmo aqueles que não se recasaram precisaram rever seus ideais de relacionamento amoroso e casamento, para começar a se relacionar novamente com novos pares.*

*“Precisei resignificar pra mim o que era casamento. Tive que vencer a ideia de ate que a morte os separe, porque se continuasse com esse pensamento, mesmo separada não iria ficar com mais ninguém”*(E3).

*“repensei muito sobre casamento, fiz uma reviravolta na minha cabeça.”*(E2)

É preciso respeitar a liberdade do outro, ao repensar sobre o ideal de casamento o casal precisa entender, que mesmo estando casados, existe uma individualidade e uma conjugalidade. Os dois que compõe a relação precisam algumas vezes, viver sua individualidade e em outras, viver os projetos conjugais. Nesta relação existem duas pessoas, com desejos e aspirações diferentes, formas de ver a vida e de se inserir no mundo, identidades que são individuais e que como casal há uma conjugalidade. Existem desejos que são individuais, e outros que são em conjunto, um projeto de casal (FERES-CARNEIRO, 1998).

*“precisei aprender que existe momentos a dois e momentos que são só nossos, de fazer as nossas coisas. Aprendi a respeitar o meu espaço e o espaço dele. Assim ninguém sufoca ninguém”*(E3).

Com todo processo que envolveu casamento, separação e recomeço os entrevistados, passaram a dar maior importância a individualidade e a conjugalidade. Visto que ambas são importantes na vida do casal, onde cada um

busca ser parte integrante da vida do outro, para Buber (1974), a relação de duas pessoas para ser possível é necessário, que haja reciprocidade, um precisa incluir o outro na relação. Cada um precisa ir ao encontro do outro. Segundo Erthal e Veríssimo (2015), para se formar a identidade conjugal é preciso que ambas as partes, deem abertura para o parceiro. É preciso que haja um dialogo entre o casal e não cada um vivendo em torno de si mesmo. O amor precisa ser vivenciado com atitudes, para que haja qualidade na relação.

“é preciso ter espaço, pra fazer coisas juntos e separados”.(E4)

“mesmo sendo casal, não gostamos de tudo igual”. (E5)

Lançando um novo olhar sobre a separação esse acontecimento pode ser visto como nova oportunidade de recomeçar a vida. Segundo Schettini (2000), encaramos a perda apenas como algo que se foi, sem o nosso consentimento, esta perdido, longe do alcance, mas a perda também pode ser vivenciada como ganho. A perda pode trazer alívio por sair de uma relação que não era mais prazerosa, pode ser momento de ampliar sua visão e construir novos planos. Mas essa vivência da perda como ganho, só é possível depois de ter passado o momento de dor intensa pela ruptura do relacionamento.

*“comecei a perceber que havia superado a separação, quando comecei a olhar pra mim, pra minha vida e principalmente por perceber que foi melhor eu ter me separado, aquela relação era adoecedora”.(E1)*

*“com o tempo percebi que me separar, foi o melhor que poderia ter me acontecido, pude dar um rumo mais feliz pra minha vida”.(E5)*

*“no fundo foi bom ter me separado, pude repensar minha vida, e recomeçar de uma maneira melhor”(E2).*

Com a reflexão sobre as mudanças ocorridas, com o casamento e a separação, os entrevistados demonstraram entender que existe uma responsabilidade sobre as escolhas. O individuo ao procurar se compreender e se conhecer, cuida da sua existência, se descobre na relação com o outro, constrói seu mundo, responsabilizando-se por si próprio e pelo seu projeto, desta forma cada existência é única. Ao decidir sobre a própria vida, o homem exerce a sua liberdade e é

responsável pelas suas escolhas. Para Sartre, o homem não pode fugir de sua liberdade (SARTRE, 2007).

*“hoje não deixo ninguém decidir por mim, e nem querer me transformar em outra pessoa. Faço aquilo que naquele momento parece ser melhor pra mim”(E2)*

*“penso muito antes de decidir sobre a minha vida, porque sei que eu terei que arcar com as consequências delas” (E1).*

*“não procuro mais um culpado, pelo que houve, cada um tem sua cota de responsabilidades”(E5).*

O recasamento é visto como algo possível e desejado, mas existe a presença do medo, de ter as expectativas frustradas por esse outro. Para Carter e Mcgoldrick (1995), o novo casamento envolve medos: medo deste outro com quem se casou, por não se ter certeza se escolheu o parceiro certo; medo de não saber lidar com a reação do ex cônjuge com essa nova realidade, a pessoa precisa lidar com os próprios medos.

*“eu me casei de novo, queria recomeçar minha vida, mas não foi fácil não, tive medo de escolher errado de novo, mas queria me dar uma nova chance,”(E1)*

*“no principio tive medo será que to escolhendo certo.”(E5)*

A reconstrução da vida, segundo Wagner (2002), através de um novo relacionamento ou um recasamento pode ser um novo caminho a ser tomado, como forma de recomeçar a vida após a separação. Um novo casamento entra como uma forma de se realizar afetivamente, construir vínculos e intimidade.

*“nunca gostei de ser sozinho, decidi recomeçar, me casei de novo, mas sob novos parâmetros, estou buscando não errar, no que errei antes... não cometer os mesmos erros.”(E5)*

Alguns dos entrevistados se recasaram outros não, mas se recasando ou não demonstraram ser necessário ressignificar suas expectativas e sentimentos em relação ao casamento, para poderem recomeçar sob novos alicerces. Sonhos e projetos foram reescritos através de suas experiências adquiridas ao longo deste trajeto. Suas mudanças e reflexões sobre a vida mostraram esse ser em movimento que é o homem, que se constrói a cada dia. E que mesmo diante das dificuldades

enfrentadas, se levantaram e prosseguiram nesta linda e espetacular jornada chamada vida.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema a resignificação da vida afetiva, sentimentos e expectativas, após a separação conjugal, como uma necessidade que possibilita o recomeçar. O foco estabelecido foi relativo aos sentimentos e expectativas vivenciados antes do casamento, bem como durante e após a separação.

Foi possível observar mediante os resultados obtidos, que o casamento tem grande importância para as pessoas, sendo sua valorização tão grande, que não conseguem conceber suas expectativas não sendo satisfeitas, levando a um desfecho de separação.

O amor ocupa lugar de destaque nas relações, mostrando que o mesmo, ao longo do tempo, não perdeu sua importância para manter os casais unidos. E que embora haja expectativas diferentes em relação ao amor, é um sentimento muito valorizado, a ponto de muitos casais se apoiarem neste único sentimento para manterem a relação. O amor ainda é visto de forma romântica, onde o ser amado é super valorizado e foge da realidade vivida.

A busca pela felicidade através do casamento também é esperada. Ser feliz, sentir-se seguro e amparado pela relação, são expectativas relatadas pelos entrevistados. Mas quanto maior a expectativa, maior parece ser a decepção quando há frustração daquilo que se esperava. Ao vivenciar a realidade do casamento, muitas das expectativas são frustradas, causando grande conflito entre o casal e sofrimento.

A experiência da solidão a dois foi frustrante, por estar em um casamento, onde, embora estejam na mesma casa, não há uma conjugalidade, uma entrega em estar junto - se é sozinho à dois. Falta de liberdade de ser quem é, e de se exprimir na sua liberdade de ser. Angústia frente ao outro da relação, onde os entrevistados demonstraram grande dificuldade em entender os próprios sentimentos e os sentimentos do outro.

Os entrevistados, ao relatarem sobre o período de separação, tornaram visível o sofrimento que foi vivenciado. Finalizar uma relação, mesmo quando ela já era conflituosa, é doloroso. Mesmo dentre aqueles que já recomeçaram sua vida se casando novamente, lembram-se da separação relatando sua dificuldade em passar

por esse momento. Não é fácil deixar para trás um relacionamento em que se esperava tanto.

Com a separação, os entrevistados vivenciaram momentos de solidão, pois, após dividir a vida com outra pessoa, não é fácil chegar em casa e ela estar vazia. Mesmo aqueles que já se sentiam sozinhos dentro do casamento, relataram viver agora outro tipo de solidão, a de realmente não ter ninguém por perto.

Alguns passaram por um momento difícil, quando começaram a se culpar pelo fim da relação, buscando incessantemente pelo culpado, e pelos erros cometidos. A dor experienciada por esse momento, não era apenas psíquica, mas fisicamente sentida. Dores no peito, aperto na garganta, depressão, foram relatados. Esgotamento por não conseguir pensar em outra coisa a não ser na pessoa amada, que se foi.

Os relatos da dor pela separação demonstram que este foi um momento delicado para todos. A vivência do luto pelo fim da relação é algo que foi passado por todos. Houve momentos em que percebiam o dia triste, sem graça, não tinham vontade de fazer nada. Em outros dias tinham dificuldade em aceitar o fim da relação.

Mas a vida continua, os sentimento e expectativas foram elaborados, repensar sobre o que esperam de um novo relacionamento, ajudou neste recomeço. O ideal de casamento, agora não mais idealizado, mas pensado de uma forma mais madura, onde compreenderam que a relação é uma construção. O amor continua sendo algo esperado para ser vivido, mas de uma forma diferente. O amor agora é visto como construção a dois, como algo possível de acontecer e não como algo mágico que pode resolver todas as situações.

Os entrevistados demonstraram crescimento diante da situação, buscando, cada um a seu modo, vencer as dificuldades e recomeçar. Alguns se casaram novamente demonstrando sua fé no casamento, mesmo diante do fracasso do relacionamento anterior. Outros, mesmo não tendo se recasado, estão conhecendo outras pessoas começando relacionamentos de namoro, demonstrando sua abertura para o novo, para o recomeçar.

Este trabalho buscou abrir caminhos, de reflexão e conhecimento sobre o tema. O que pode contribuir com o trabalho dos profissionais nos seus atendimentos clínicos. Levando em consideração, a importância que as pessoas dão aos seus relacionamentos amorosos, e o espaço que este ocupa em suas vidas, e o quanto é



doloroso uma separação. Conhecer mais sobre o sofrimento que as cerca, aproxima o profissional da realidade vivida por essas pessoas. Ajudando o profissional a desenvolver novas formas de intervenção, contribuindo para que o cliente possa passar por esse momento da vida de forma saudável, e que se torne sujeito de sua própria história, construindo a si mesmo e a seus caminhos a cada dia.

O ser humano tem esse lindo movimento, de buscar estar junto a alguém que lhe faça bem. Que torne seus dias mais leves, a vida mais colorida. Que sejam relações familiares, de amizade ou enlaces amorosos. Pois a vida é esse constante movimento, onde aprendemos a cada dia coisas novas, como nos relacionar de forma autêntica e saudável.



## REFERÊNCIAS

ANGERAMI, V. A. C. **Psicoterapia existencial**. 4ed. rev. São Paulo: Thomson, 2007.

ARAÚJO, M.F. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22 (2), 70-77, 2002.

ARAÚJO, C., & SCALON, C. **Gênero e a distância entre a intenção e o gesto**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (São Paulo), 21(62), 45-68, 2006.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. Snowball (Bola de Neve): **uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. Curitiba, PR, 7ª. Anais..., p.329-41, 2011

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERNSTEIN, Anne. Recasamento: redesenhando o casamento. In: PAPP (org.). **Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 295-322.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In C. Rinaldi, I. E. Althof, & R. G. Nitschke (Eds.), **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos** Florianópolis, SC: Papa Livros, 2004. p. 91-106.

BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. Espósito, Vitória Helena Cunha. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba, São Paulo: UNESP, 1994

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia, confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

BOTTO, A. **O rompimento amoroso**. São Paulo, mai. 2009. Disponível em <[http://www.psiq.ue.br/psique/index.php?option=com\\_content&view=article&id=241:o-rompimento-amoroso&catid=56:estudosdosrelacionamentos&Itemid=80](http://www.psiq.ue.br/psique/index.php?option=com_content&view=article&id=241:o-rompimento-amoroso&catid=56:estudosdosrelacionamentos&Itemid=80)> Acesso em 20 Abr. 2015.

BRANDEN, N. **A psicologia do amor: O Que É O Amor, Por Que ELE nasce, Cresce e as vezes morre**. (M. Braga, trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

BRASIL. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Nupcialidade, fecundidade e migração**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade\\_fecundid](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade_fecundid)

ade\_migracao/default\_nupcialidade\_fecundidade\_migracao.shtm > Acesso em: 11 de março de 2015.

BROWN, F. H. A família pós-divórcio (M. A. V. Veronese, Trad.). In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar** Porto Alegre, RS: Artmed, 2001. p. 321-343.

BUENO, E. F. & PRADO, J. S. **Educação emocional: a arte de unir-se**. São Paulo: Cortez, 1989.

BUBER, M. - **Eu e Tu** – tradução Newton Aquiles Von Zuben. Editora centauro, 1974.

BUCHER, J. S. N. F. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRESCARNEIRO, T. (Org). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.p. 82-95.

CAMPOS, A.L.A. **Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. Cap IV (itens 3 e 4). p. 534-556.

CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo: Summus, 1994.

CARIDADE, A. **Sexualidade: corpo e metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

CARUSO, I. **A separação dos amantes**. São Paulo: Diadorim Cortez, 1989.

CATER, B., McGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo Familiar: uma Estrutura para a Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CAVANELLAS, L. B. **A dor: ligação existencial entre o terapeuta e cliente**. Revista de Gestalt v.10 , 2001. p. 25-29.

CECCHIN, C. **Casamento e família: por uma perspectiva interdisciplinar**. Revista Katálysis vol.12 nº1. Florianópolis, Jan/Jun 2009.

CERVENY, C. M. O. Pensando a família sistemicamente. In C. M. O. Cerveny & C. M. E. Berthoud (Eds.), **Visitando a família ao longo do ciclo vital** .São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 15-28.

COELHO, S. V. **As transformações da família no contexto brasileiro: uma perspectiva das relações de gênero**. *Psique*, 10 (16), 2000. p.7-24.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em:<[http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html)> Acesso em: 14 abr. 2015

COSTA, J.F. **Sem fraude nem favor: um estudo sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

COSTA, G.P. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, Á. L. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3 ed. São Paulo: Escala, 2009.

ERTHAL, T. C. S. Auto-imagem ou projeto original: possibilidades e limitações da mudança. In:\_\_\_ **Terapia Vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. Vozes: Petrópolis, 1989. p.55-67

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia Vivencial: Uma Abordagem Existencial em Psicoterapia**. Campinas: Livro Pleno, 2004. p. 231.

\_\_\_\_\_. **Trilogia da Existência: Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2013.

ERTHAL, T.C.S; VERÍSSIMO, L.J. **Sobre o amor, a paixão, o olhar e as relações humanas: diálogo com Sartre e com o humanismo**. Curitiba: Appris, 2015.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44, 1995. p. 67-70.

\_\_\_\_\_. **Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 1997.p. 351-368.

\_\_\_\_\_. **Casamento Contemporâneo: o Difícil Convívio da Individualidade com a Conjugalidade**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, nº 2. Porto Alegre, 1998, p. 379-394.

\_\_\_\_\_. **Separação: O doloroso processo de dissolução da conjugalidade**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 2003. p.367-374.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Disponível em<<http://www.dicionariodoaurelio.com/ressignificar>> Acesso em: 11 de março de 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2002.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. Trad. Octavio Alves Velho. 14ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

- GARCIA, M. L. T. & TESSARA, E. T. O. **Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal**. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14 (2) ,2001. p.635-642
- GERHARDT, T.E. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS,2009.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed UNESP, 1993.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Org. atlas, 2009.
- GIUSTI, E. **A Arte de Separar-se**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1987.
- GOLDANI, A. M. **Família, gênero e políticas: Famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(1), 2002. p.29-48.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed.Rio de janeiro : Editora Record, 2004.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. (M. A.F. Silva, trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GRZYBOWSKI, L. S. **O envolvimento parental após a separação/divórcio**. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- HADADD, G. **Reflexões sobre a manutenção do ideal de amor romântico na atualidade: um estudo sobre a fidelidade conjugal**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Marcos, São Paulo, 2006.
- HEIDEGGER, M. **Sobre o “humanismo” carta a JEAN BEAUFRET**. Coleção os pensadores, Paris:1976.
- HEILBORN, M. L. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias e urbanas. In: I. Ribeiro & A. C. Ribeiro et al. **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade contemporânea**. São Paulo: Loyola. 1995. p. 91-96.
- \_\_\_\_\_. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: o enfoque psicossocial**.Rio de Janeiro: AGIR, 1994.
- JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas** .4ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- KIERKEGAARD. **Diário do Sedutor**. São Paulo: Abril: Os Pensadores, 1974.

KOVÁCS MJ. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo: 1992.

MAGALHÃES, A. S. **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Departamento de Psicologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1993, p.132 .

MALDONADO, M. T. **Casamento: Término e Reconstrução**. São Paulo: Saraiva, 1995.

MARTINS, J., BICUDO, V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILJKOVITCH, R. **Os fundamentos da relação afetiva**. Editora : autores associados, 2013.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_, **O Desafio do Conhecimento**. 6ª ed. (Revisada). São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_, GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. (Orgs.) Petrópolis, Vozes. 2007.

MORAES ,VINICIUS DE. **Antologia Poética**, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, p. 96.

MÜLLER, F.G , **O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina** , Aletheia, n.26, , jul./dez. 2007. p.196-209. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a16.pdf>> acesso em 07 de abril de 2015.

NASCIMENTO, A. M. **População e família brasileira: ontem e hoje**. 2006. Disponível em< [http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao\\_familia\\_nascimento\\_abep06.pdf](http://143.107.236.240/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf) > Acesso em 10 Abr. 2015.

NASIO, J.-D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PAULINO, E. C. **Separação conjugal**. Entrevista concedida à EPTV – São Carlos. Instituto de Psicologia Comportamental. Publicado em: 22.10.2006. Disponível em:< <http://ipc.psico.net/separacao-conjugal/> >. Acesso em: 11 março 2015.

PECK, J. S.; MANOCHERIAN, J. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar** Porto Alegre, RS: Artmed, 2001. p. 291-320.

PEREIRA, C. M. da S. **Instituições de direito civil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

PERLS, F. & HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia : refazendo um caminho**. São Paulo : Summus. 1985.

SARTRE.J.P. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro:Nova fronteira,1991.

\_\_\_\_\_. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis,RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Entre quatro paredes**. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

SCHETTINI , L. F. **Amor Perdido de Amor**. Recife: Bagaço, 2000.

SINGLY, F. **Sociologia da Família Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2007.

SIQUEIRA, A. M. **O conceito de família ao longo da história e a obrigação alimentar**. Jus Navigandi, Teresina, ano 15, n. 2664, 17 out. 2010. Disponível no site: <<http://jus.com.br/artigos/17628>>. Acesso em: 04/04/2015.

SOUZA, R. M. & RAMIRES, V. R. **Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.

TEIXEIRA. **Introdução à psicoterapia existencial. Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, nº 3, jul. 2006, p. 294. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>>. Acesso em: 06 abril de 2015.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e Plurais: Identidade, casamento e família em circunstância pós-moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WAGNER, A. (coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002.



Willi, J. A construção diádica da realidade. In M. Andolfi, C. Angelo & C. Saccu (Orgs.), **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995. p. 15-27.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.

**APENDICE A – Roteiro de entrevista**

01 – quais foram seus sentimentos e expectativas antes de se casar em relação ao casamento?

02 – e como foi seu casamento na realidade?

03 – quais sentimentos foram vivenciados por você, ao perceber a diferença entre suas expectativas em relação ao casamento e o que ele foi na realidade?

04 - A diferença entre as expectativas e sentimentos vivenciados antes e após ter se casado influenciaram você a ressignificar sua vida e recomeçar?

05- Para você quais foram os motivos para o término de seu casamento (união estável)?

06- quais sentimentos foram vivenciados com a separação? E quais foram mais presentes?

07 – alguns desses sentimentos dificultaram o recomeço de sua vida pós-separação?

08- você encontrou alguma dificuldade em recomeçar sua vida sem seu cônjuge?

09- Em relação a fase de transição de casado para separado , como foi para você?

10 – Com relação a sua vida afetiva você tem projetos para o futuro? Quais são?

11- Você se casou de novo? Ou pensa em se casar?

12 – o que você espera do novo relacionamento?

13- você ainda acredita no amor?

**APÊNDICE B: Termo de consentimento**

**INSTITUIÇÃO:** Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo **UNIDADE:** Forte São João **DEPARTAMENTO:** Psicologia

**TÍTULO DA PESQUISA:** Recomeçar: ressignificando sentimentos e expectativas após a separação conjugal

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Vânia Congro Teles

**JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:** Este tema foi escolhido pelo fato da separação conjugal envolver, mudanças na vida do sujeito, que podem ser vivenciados com componentes depressivos, sem que o sujeito consiga reagir. Desta forma Conhecer mais sobre o sofrimento que as cerca, aproxima o profissional da realidade vivida por essas pessoas, ajudando o profissional a desenvolver novas formas de intervenção, contribuindo para que o cliente se torne sujeito de sua própria história. O objetivo é traçar quais sentimentos e expectativas foram mais presentes, na experiência de separação, em relação ao casamento.

**DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:**

Os sujeitos a serem estudados e analisados na pesquisa serão pessoas que passaram pela separação conjugal ao realizar a entrevista é possível que haja algum desconforto ao recordar fatos delicados ocorridos, que serão de interesse da pesquisa.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** Os benefícios da pesquisa são de fins acadêmicos e científicos. Temos a intenção de propor possibilidades diferentes de intervenções, contribuindo para que o sujeito tenha qualidade de vida.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:** Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa Basta procurar o (a) pesquisador (a), Vânia Congro Teles, pelo telefone do trabalho ((27) 3331-8641 no endereço Avenida Vitória, 950- Forte São João Vitória/ES Cep: 29.017-950

**ESCLARECIMENTOS E DIREITOS**

Em qualquer momento o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

**CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS**

As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

**CONSENTIMENTO PÓSINFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ expedida pelo Órgão \_\_\_\_\_, por me considerar devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui informado que meu número de registro na pesquisa é \_\_\_\_\_ e recebi cópia desse documento por mim assinado.

Assinatura do Participante Voluntário

DATA Impressão Dactiloscópica

(p/ analfabeto)

-----  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável pelo Estudo Data